



Acasos Felizes

Jill Mansell

Tradução de Isabel C. Penteadó

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

Em memória da minha querida mãe.

Agradecimentos

Nunca utilizei esta página para agradecer à minha agente e à minha editora, já que sempre me parecera um tanto uma atitude de menina querida da professora. Mas, ao fim de tantos livros, chegou decididamente a hora de agradecer a Jane Judd, minha agente, e a Marion Donaldson, minha editora, por toda a ajuda maravilhosa, pelos conselhos e pelo trabalho dedicado a mim. E, já agora, a todos os que trabalham na *Headline*. São todos fantásticos e é um autêntico prazer trabalhar convosco. Por isso, obrigada, uma vez mais; vocês mudaram a minha vida.

Capítulo 1

— *You maaaaake me feeeel*, — garganteava Lottie Carlyle a plenos pulmões, — *like a natural womaaaaaan!*

Oh, sim, o que tinha de fantástico cantar com as orelhas submersas era o facto de soar muito melhor do que era na realidade. Não superfantástico como Joss Stone, ou Barbara Streisand, obviamente — de repente, ocorreram-lhe as palavras omeletas e ovos —, mas também não era tão terrivelmente mau a ponto das crianças desatarem a chorar e a esconder-se debaixo das mesas sempre que abria a boca para cantar. Que era precisamente o que acontecia habitualmente a seco.

E era por isso que ela estava naquele momento a divertir-se tanto no lago de Hestacombe. Era um dia escaldante de agosto, a sua tarde de folga, e ela estava a boiar de costas na água, a olhar para o límpido céu azul-cobalto.

Bem, quase límpido. Quando eram quatro da tarde e se tinha dois filhos pequenos, havia sempre aquela nuvenzinha incómoda a pairar no horizonte:

O que fazer para o jantar.

De preferência algo que não demorasse uma eternidade, mas que fosse uma refeição decente. Algo que contivesse alguma vitamina. Para além disso, algo que tanto Nat como Ruby se dignassem comer.

Ah!

Massa, talvez?

Mas Nat, que tinha sete anos, só aceitava comer massa com azeitonas e molho de hortelã e Lottie sabia que já não havia azeitonas no frigorífico.

Ok, talvez um risoto de bacon e cogumelos. Mas Ruby iria escolher os cogumelos, acusando-os de serem pegajosos como caracóis, e recusar-se-ia a comer o bacon porque bacon era — uh! — porco.

Vegetais salteados? Agora estava a entrar verdadeiramente no reino da fantasia. Durante os seus nove anos de vida, Ruby nunca comera conscientemente um vegetal. As primeiras palavras da maioria dos bebés eram mamã, ou papá. A de Ruby, depois de ter sido confrontada com um pé de brócolos, tinha sido *bah!*

Lottie suspirou e fechou os olhos. Com a água do lago a lambem-lhe as têmporas, enxotou indolentemente um inseto que lhe tinha pousado no pulso. Cozinhar para uma clientela tão esquisita era realmente uma droga. Podia ser que, se ficasse ali fora o tempo suficiente, alguém ligasse para a segurança social e aparecesse uma megera da proteção de menores. Ruby e Nat seriam levados para uma casa de acolhimento para crianças, ao estilo de Dickens, obrigados a comer fígado com vasos no interior e sopa fria de nabo. E, após quinze dias disso, iriam finalmente entender a miserável tarefa ingrata que ela tinha, tendo de pensar continuamente no que dar de comer aos esquisitinhos dos filhos.

À janela da sala de estar da Hestacombe House, Freddie Masterson sentiu aquele ânimo habitual ao contemplar a vista. Para si, era a mais fantástica de toda a região de Cotswolds. Do outro lado do vale, as montanhas erguiam-se sarapintadas de árvores, casas, ovelhas e vacas. Abaixo, o lago franjado de junco cintilava à luz do Sol da tarde. E, mais à mão, o seu próprio jardim todo florido, o relvado esmeralda acabado de cortar que descia até ao lago, os arbustos fúcsia que bamboleavam à medida que os abelhões se precipitavam gulosamente de flor em flor. Um par de pica-paus, que cavava energeticamente a relva em busca de minhocas, olhou para trás e voou descontente quando um humano desceu o estreito caminho na sua direção.

Então, podia ser desta. Ao ver Tyler Klein chegar ao pavilhão de verão e parar para admirar também a vista, Freddie percebeu que o americano estava igualmente impressionado. O encontro entre os dois tinha corrido bem; Tyler era, sem dúvida, uma pessoa inteligente e eles tinham-se entendido desde o início. Ele tinha dinheiro para comprar o negócio. E, até à data, parecia gostar do que estava a ver.

Bem, como era possível não gostar?

Tyler Klein dirigia-se naquele momento para o portão lateral que dava acesso à estrada de campo. Com o casaco do fato azul-escuro informalmente pendurado sobre um ombro e o colarinho da camisa lilás aberto, ele caminhava descontraidamente, mais como um atleta do que como um homem de negócios. Tyler Klein tinha cabelo à Clark Gable, pensou Freddie, com a maior parte puxada para trás, mas uma madeixa escura caindo incontrolavelmente para a frente dos olhos. Ou Errol Flynn. A sua querida esposa Mary sempre tivera um fraquinho por Clark Gable e Errol Flynn. Pesaroso, Freddie passou uma mão pela própria cabeça parcamente coberta. E pensar que a pobrezinha tinha acabado por casar com ele.

Ao vislumbrar um flash de turquesa pelo canto do olho, ele pensou, por uma fração de segundo, que um pica-peixe estivesse a precipitar-se sobre a superfície do lago. De seguida sorriu, porque assim que a sua visão

conseguiu adaptar-se, ele viu que se tratava de Lottie, no seu novo biquíni turquesa, a rebolar-se indolentemente na água como um pequeno golfinho em busca de sol. Se lhe dissesse que a tinha confundido com um pica-peixe, Lottie diria provocadoramente: — Freddie, está na hora de fazer um exame à vista.

Ele não lhe tinha dito que já o tinha feito.

Nem o resto.

A estrada que acompanhava o jardim da Hestacombe House era estreita e delimitada, de ambos os lados, por papoilas, cerefólios e arbustos de amoras silvestres. Tyler Klein concluiu que, para o lado esquerdo, esta dava acesso à aldeia de Hestacombe. Para o lado direito, descia até ao lago. Quando virou à direita, Tyler ouviu o som de passos de corrida e risadinhas.

Ao dobrar a primeira curva da estrada, viu duas crianças, a cerca de vinte ou trinta metros de distância, a escalarem uns degraus de passagem de uma vedação. Vestidas de calções, t-shirts e bonés, a que seguia na frente levava uma toalha às riscas amarelas e brancas enrolada, enquanto que a outra levava um caótico molho de roupa. Quando olharam para a estrada e viram Tyler, voltaram a dar risadinhas e saltaram dos degraus para o campo de cereais do outro lado. Quando ele chegou aos degraus, elas tinham desaparecido de vista, com certeza tendo seguido algum atalho de regresso à aldeia após o mergulho no lago.

Um pouco mais adiante, a estrada abria numa clareira que dava acesso a uma pequena praia artificial. Freddie Masterson tinha mandado construí-la, vários anos antes, essencialmente para usufruto dos hóspedes que iam passar férias nos seus chalés à beira do lago, mas também — como Tyler acabara de testemunhar — para ser desfrutada pelos habitantes de Hestacombe. Protegendo os olhos do brilho do Sol da tarde refletido pela água do lago, Tyler viu uma rapariga de biquíni turquesa vivo a boiar descontraidamente na água. Podia ouvir-se um débil gemido estranho vindo de algures que ele não era capaz de localizar. De repente, o ruído — seria canto? — parou. Momentos depois, enquanto Tyler observava, a rapariga virou-se de barriga para baixo e começou a nadar lentamente para a margem.

Quase podia ser aquela cena de *Dr. No*, em que Sean Connery observa Ursula Andress a emergir como uma deusa de um mar tropical. Só que ele não estava escondido nos arbustos e tinha o cabelo todo. E aquela rapariga não tinha uma faca presa à coxa.

Ela também não era loura. Os longos cabelos escuros eram uma confusão de caracóis sinuosos agarrados aos ombros, o corpo era curvilíneo e intensamente bronzado. Impressionado, porque um encontro daqueles

era a última coisa de que estava à espera, Tyler acenou com a cabeça de modo amigável quando ela parou para espremer água do cabelo encharcado e perguntou: — Bom banho?

A rapariga observou-o calmamente e depois olhou em volta, para a pequena praia. Finalmente, perguntou: — Onde está o meu material?

Material. Apanhado de surpresa, Tyler olhou também em volta, embora não fizesse ideia do que deveria estar a procurar. Por um momento bizarro, ele perguntou-se se ela teria combinado encontrar-se ali com um traficante de drogas. Não era isso que diziam as pessoas quando se encontravam com o seu fornecedor?

— Que material?

— O que costumamos deixar fora da água quando vamos nadar. Roupa. Toalha. Brincos de diamante.

— Onde foi que os deixou? — perguntou Tyler.

— Precisamente onde você está. Aí mesmo! — repetiu a rapariga, apontando para os seus sapatos engraxados. Ela semicerrou os olhos. — Isto é alguma partida?

— Acho que sim. Mas não sou eu que estou a pregá-la. — Virando-se um pouco, Tyler apontou para o caminho estreito atrás de si. — Passei por uns miúdos ali atrás que levavam material na mão.

Ela tinha agora as mãos sobre as ancas e estava a observá-lo com crescente incredulidade. — E não lhe ocorreu detê-los?

— Pensei que o material fosse deles. — Aquilo era ridículo, ele nunca tinha dito *material* tantas vezes na vida. — Achei simplesmente que tivessem estado a nadar aqui neste lago.

— Achou que o vestido cor-de-rosa sem mangas tamanho quarenta e as sandálias prateadas tamanho trinta e oito lhes pertenciam. — O sarcasmo (aquele sarcasmo tipicamente britânico) estava patente na voz dela.

— As sandálias estavam embrulhadas numa coisa cor-de-rosa. Não consegui ver bem as etiquetas. Estava a trinta metros de distância.

— Mas achou que eles tinham estado a nadar. — A olhar intensamente para ele, a rapariga disse: — Diga-me uma coisa: eles estavam... molhados?

Merda. Os miúdos não estavam molhados. Ele daria um péssimo detetive privado. Nada disposto a admitir derrota, Tyler disse: — Podiam ter vindo andar de barco a remos. Olhe, deixou realmente brincos de diamante junto com a sua roupa?

— Tenho ar de estúpida? Não, claro que não. Os diamantes não se dissolvem na água. — Ela sacudiu impacientemente os cabelos para lhe mostrar as pedras que cintilavam nos lóbulos das orelhas. — Muito bem. Como eram esses miúdos?

— Eram miúdos. Não sei. — Tyler encolheu os ombros. — Usavam t-shirts, pareceu-me. E, hum, calções...

A rapariga ergueu as sobrancelhas. — Isso é incrível. Os seus poderes de observação são espantosos. Ok, eram um rapaz e uma rapariga?

— Talvez. — Ele tinha assumido que se tratava de dois rapazes, mas um tinha cabelo mais comprido do que o outro. — Como eu disse, só os vi de longe. Estavam a trepar uns degraus de passagem de uma vedação.

— Cabelo escuro? Fino e crespo? — insistiu a rapariga. — Pareciam uns ciganos?

— Sim. — Tyler ficou imediatamente alerta; quando Freddie Master-son estivera a elogiar Hestacombe, não havia mencionado ciganos. — São um problema por aqui?

— Pode crer que são um problema por aqui. São meus filhos. — Ao intercetar a expressão de horror na cara dele, a rapariga fez um sorriso malicioso. — Descanse, não são realmente ciganos. Não acabou de me ofender mortalmente.

— Bem, — disse Tyler, — fico contente com isso.

— Eu não vi nada. Aqueles pirralhos! Devem ter rastejado por entre os arbustos e fugido com as minhas coisas quando eu não estava a olhar. É isso que acontece quando temos filhos decididos a entrar para as forças especiais. Mas isto não tem piada. — Nada divertida, a rapariga disse com impaciência: — Não posso acreditar que eles fizeram uma coisa assim tão estúpida. Eles não pensam, pois não?! Porque agora estou aqui presa sem roupa...

— Terei todo o gosto em emprestar-lhe o meu casaco.

— E sem sapatos.

— Não vou emprestar-lhe os meus sapatos — disse Tyler numa voz arrastada. — Ia ficar ridícula. Além disso, assim eu ficava sem nada para calçar.

— Palermo. — Depois de pensar melhor, a rapariga disse: — Ok, olhe, pode fazer-me um favor? Vá até à aldeia, passe pelo pub e a minha casa fica três portas abaixo à direita. É o Chalé do Gaiteiro. A campainha está avariada, por isso terá de bater à porta. Diga à Ruby e ao Nat para lhe darem a minha roupa. Depois pode trazer-ma. Que lhe parece?

A água escorria-lhe do cabelo para dentro dos olhos castanhos-claros e cintilava sobre a pele bronzeada. Ela tinha uns belos dentes brancos e modos persuasivos. Tyler franziu o sobrolho.

— E se os miúdos não estiverem lá?

— Bem, eu sei que isto não é ideal, mas você tem cara de honesto, por isso vou ter de confiar em si. Se eles não estiverem, você vai ter de tirar a chave da porta de debaixo do vaso dos gerânios que está sob o alpendre e

entrar na casa. O meu quarto fica no topo das escadas, à esquerda. Tire uma coisa qualquer do guarda-roupa. — Com a boca a tremelicar, a rapariga disse: — E nada de aproveitar para bisbilhotar a gaveta das minhas cuecas. Escolha só um vestido e uns sapatos e saia da casa. Pode estar aqui dentro de dez minutos.

— Não sou capaz de fazer isso. — Tyler abanou a cabeça. — Você nem sequer me conhece. Não vou entrar numa casa estranha. E se os seus filhos estiverem lá... bem, isso é ainda pior.

— Olá. — Ela agarrou-lhe na mão e sacudiu-a entusiasticamente. — Sou Lottie Carlyle. Pronto, já me apresentei. E a minha casa não é assim tão estranha. Um bocadinho desarrumada, talvez, mas isso é permitido. E você é...?

— Tyler. Tyler Klein. Não vou na mesma.

— Bem, você é uma grande ajuda. Vou fazer figura de tonta, a andar pela aldeia nesta figura.

— Já lhe disse que posso emprestar-lhe o meu casaco. — Visto que ela estava encharcada e o casaco do fato era forrado a seda e muitíssimo caro, ele considerava que a oferta era até bastante generosa. Contudo, Lottie Carlyle não parecia impressionada.

— Ia parecer ridícula. Você podia emprestar-me a sua camisa — pedinchou ela. — Isso seria melhor.

Tyler estava ali a negócios. Ele não fazia tenção de despir a camisa. Com firmeza, disse: — Não me parece. Ou o casaco, ou nada.

Lottie Carlyle, que sabia reconhecer quando estava derrotada, aceitou o casaco e vestiu-o. — Você não é para brincadeiras. Pronto, já estou completamente ridícula?

— Sim.

— É demasiado amável. — Ela olhou tristemente para os pés descalços. — Alguma hipótese de me dar boleia às cavalitas?

Tyler fez um ar divertido. — Não abuse da sorte.

— Está a insinuar que sou gorda?

— Estou a pensar na minha reputação.

Interessada, Lottie disse: — Mas o que está a fazer aqui, com esse elegante fato citadino e sapatos engraxados?

Não havia, obviamente, grande necessidade de usar fatos citadinos em Hestacombe. Quando se viraram para se irem embora, Tyler olhou de novo para o lago, onde libélulas iridescentes se precipitavam sobre a superfície da água e uma família de patos tinha acabado de surgir. Descontraidamente, disse: — Estou só de visita.

Escolhendo cuidadosamente o seu trajeto pela estrada pedregosa e acidentada, Lottie estremeceu e disse gravemente: — Ai, os meus pés!

Quando percorriam Hestacombe, Lottie Carlyle atraiu bastantes atenções. Algo dizia a Tyler que, independentemente do que tivesse vestido, ela atraí-las-ia sempre. Condutores de passagem sorriam ao reconhecê-la e buzinavam; nos seus jardins, aldeões acenavam e faziam comentários trocistas; e Lottie, por sua vez, dizia-lhes exatamente o que ia fazer com Ruby e Nat quando lhes pusesse as mãos em cima.

Quando se aproximavam do Chalé do Gaiteiro, viram as crianças no jardim da frente a brincarem com um regador, pegando alternadamente no mesmo para o fazerem girar de braços esticados enquanto borrifavam um ao outro com água.

— Os espetadores mais sensíveis podem preferir virar agora a cara — disse Lottie. — É agora que eu entro no modo de mãe assustadora. — Levantando a voz, gritou: — Eh, vocês os dois! Pousem já esse regador!

As crianças olharam para a mãe, abandonaram imediatamente o regador e, rindo descontroladamente, subiram disparados para os ramos da macieira que sobrepairavam o muro da frente.

— Eu sei o que fizeram. — Ao chegar ao jardim, Lottie espreitou para cima da árvore. — E, acreditem em mim, vocês estão metidos num grande sarilho!

Das profundezas dos ramos folhudos, uma voz inocente disse: — Estávamos só a regar as flores. Senão elas morriam.

— Eu estou a falar da minha roupa. Não teve graça nenhuma, Nat. Fugir com a roupa de outra pessoa não tem piada.

— Não fomos nós — disse Nat imediatamente.

Ruby acrescentou: — Não fomos nós.

Tyler olhou para Lottie Carlyle. Talvez se tivesse enganado. Ao ver a expressão de preocupação dele, ela revirou os olhos. — Por favor, não acredite neles. Eles dizem sempre isto. Podemos apanhar o Nat com a boca cheia de chocolate, que ele vai continuar a jurar que não comeu nenhum.

— Mas não fomos nós! — repetiu Nat.

— Não fomos nós — disse Ruby — e é essa a verdade.

— Quanto mais culpa têm, mais negam. — Lottie sentia o desconforto de Tyler. — Na semana passada, estavam a brincar com uma fisga na casa de banho e o espelho da casa de banho partiu-se por acaso. Mas, adivinhe? Também não foi nenhum deles.

— Mãe, desta vez não fomos mesmo nós que roubámos a tua roupa — disse Ruby.

— Não? Bem, este homem aqui diz que sim. Porque vos viu — explicou Lottie — e, ao contrário de vocês os dois, ele não mente. Por isso podem descer daí e ir buscar a minha roupa agora!

— Não sabemos onde está! — Ruby soltou um lamento de indignação.

Sem dizer palavra, Lottie entrou em casa. Através das janelas abertas, era audível o barulho de armários e roupeiros a serem abertos e fechados. Finalmente, ela voltou a sair triunfantemente carregando um vestido cor-de-rosa amarrotado, um par de sandálias rasas prateadas e uma toalha de banho às listas amarelas e brancas.

— Não fomos nós! — disse Nat bruscamente.

— A sério? É engraçado, então, como isto foi parar ao quintal, não é? — Enquanto falava, Lottie despiu o casaco demasiado grande, devolveu-o a Tyler e vestiu o amarrotado vestido sem mangas. — Agora, escutem. Levarem-me a roupa já foi muito mau. Dizerem mentiras e negarem é ainda pior. Por isso podem esquecer o festival de balões deste fim de semana e também não vão receber mais semanada.

— Mas foi outra pessoa — guinchou Ruby.

— Este homem diz que foram vocês. E o mais engraçado é que, de entre os três, eu acredito nele. Por isso, desçam dessa árvore, vão já para casa e comecem a arrumar os vossos quartos. Estou a falar a sério — disse Lottie. — Agora! Ou ficam sem semanada durante as próximas seis semanas.

Primeiro Ruby, depois Nat, saltaram dos ramos. De olhos escuros franzidos com desagrado, olharam furiosamente para Tyler. Quando passava apressadamente por ele, Ruby resmungou: — Tu é que és um grande mentiroso!

— Ruby, para com isso!

Com pedacinhos de galhos presos no cabelo, Nat olhou para Tyler e disse de sobrolho franzido: — Vou fazer queixa de ti ao meu pai.

— Oh... ele está com tanto medo. — Lottie puxou-o habilmente da frente de Tyler. — Para dentro. Agora.

Nat e Ruby entraram em casa. Sentindo-se extremamente mal, Tyler disse: — Escute, talvez eu me tenha mesmo enganado.

— São crianças, é próprio fazerem diabruras. — Com ar de entendida, Lottie disse: — Calculo que você não tenha filhos.

Tyler abanou a cabeça. — Não.

— Olhe, os meus filhos odeiam-no por os ter denunciado. — Os olhos de Lottie cintilavam. — Estão a fazer de tudo para o fazer sentir-se mal. Mas não precisa de voltar a vê-los, pois não? Portanto, que importância tem isso? — Enquanto ela falava, alguém dentro da casa desatou a chorar ruidosamente. — Deve ser o Nat, que está à janela para ter completa certeza de que conseguimos ouvi-lo. Estou surpreendida por ele não me ter dito que uma águia voou com a minha roupa e a largou depois no quintal. Bem, é melhor eu ir. Obrigada pelo casaco. Espero que não esteja demasia-

do molhado. — Fez uma pausa, passou os dedos pelos cabelos molhados e depois fez um sorriso deslumbrante. — Até foi um prazer conhecê-lo.

— Buááááá! — berrava Nat, evidentemente inconsolável.

— Também foi um prazer conhecê-la. — Tyler teve de levantar a voz para se fazer ouvir por cima do choro desolador.

— Bu-bu-buáááááá!!

— Bem, obrigada uma vez mais. — Lottie parou quando lhe ocorreu uma ideia. — Hum... ouviu-me a cantar há bocado?

— Era você? — Ele sorriu com ironia. — Ou melhor, aquilo era canto?

Os olhos escuros dela bailavam com malícia. — Soo muito melhor debaixo de água.

Quando um novo ataque de choro estourou dentro de casa, Tyler disse: — Vou acreditar na sua palavra.

Capítulo 2

Depois de ter trocado de roupa e vestido um top de alças verde-lima e umas calças de ganga brancas, Lottie foi até ao amplo terraço nas traseiras da Hestacombe House, onde Freddie estava sentado à mesa a abrir uma garrafa de vinho.

— Aí estás. Bom, bom. Senta-te — disse Freddie, enfiando-lhe um copo na mão — e bebe um bocadinho disto. Vais precisar.

— Porquê? — Lottie tinha estado a indagar-se sobre o motivo que o levava a pedir-lhe que fosse à casa naquela noite. Normalmente nada reservado, nos últimos tempos Freddie andava muito misterioso sobre o que andava a fazer. Naquela noite, com o seu polo branco e as calças caqui engomadas, ele estava com aspeto bronzeado e em forma, talvez até um pouco mais elegante do que habitualmente. Teria finalmente encontrado companhia feminina?

— À nossa. — Freddie tocou com o copo no dela. Havia, decididamente, um segredo prestes a ser revelado.

— À nossa. Não me diga. — Feliz pelo patrão, Lottie levantou a mão livre para o deter. — Acho que já adivinhei!

— Na verdade, o mais provável é não teres adivinhado. — Mas Freddie estava a recostar-se, sorrindo-lhe enquanto acendia um charuto. — Mas desembucha. Diz-me o que achas.

— Eu aaaaacho, — Lottie arrastou a palavra, — que o amor pode estar no ar. — A brincar, agitou misticamente os dedos. — Acho que podemos estar a falar de romance.

— Lottie, sou demasiado velho para ti.

Ela fez-lhe uma careta. — Eu estava a falar de alguém da sua idade. Então, estou errada?

— Só um bocadinho. — Freddie estava a fumar o charuto, lançando baforadas de fumo, o anel com sinete cintilando ao sol.

— Mas devia, sabe? Encontrar uma pessoa encantadora. — Desde a morte de Mary, Freddie não tinha sequer olhado para outra mulher, contudo, se aparecesse a mulher certa, Lottie tinha a certeza que ele poderia ser novamente feliz. Era o que ele merecia.

— Bem, isso não vai acontecer. Vais beber isso, ou deixar que evapore?

Obedientemente, Lottie bebeu uns goles gigantes.

— Gostas? — Freddie observou-a com diversão.

— Que tipo de pergunta é essa? É tinto, está quente, não está rolhado. Claro que gosto.

— Ainda bem, visto que é um *Château Margaux* de mil novecentos e oitenta e oito.

Lottie, que estava para vinhos de qualidade como Johnny Vegas estava para o equilíbrio, anuiu com a cabeça com ar de entendida e disse: — Ah, sim, bem me pareceu.

Com os olhos a brilhar, Freddie disse: — Dois cinquenta a garrafa.

— Eh, isso é excelente. Foi uma daquelas promoções de cinquenta por cento no supermercado?

— Duzentos e cinquenta libras a garrafa, sua leiga.

— Céus, está a brincar? — A balbuciar e quase entornando o resto do vinho em cima das calças de ganga, Lottie pousou o copo na mesa. Visto que ele não estava a brincar, ela lamentou-se: — Porque é que está a dar-me uma coisa destas para beber? É a coisa mais estúpida que já ouvi!

— Porquê?

— Porque sabe que sou mesmo leiga, por isso é um autêntico desperdício!

— Disseste que gostavas — salientou Freddie.

— Mas não o saboreei, pois não? Engoli-o como se fosse *Tizer*, porque me mandou! Bem, pode beber o resto do meu copo. — Lottie empurrou-o na direção dele. — Porque não vou beber nem mais uma gota.

— Querida, comprei este vinho há dez anos — disse Freddie. — Esteve na adega este tempo todo, à espera de uma ocasião especial.

Lottie revirou os olhos em desespero. — Agora é certamente uma ocasião especial. O dia em que a sua assistente salpicou *Château Margaux*, ou lá o que é isso, pelo seu terraço todo. Mais valia tê-lo deixado na adega mais dez anos.

— Pois. Bem, talvez eu não queira fazer isso. Seja como for, ainda não me perguntaste porque é que esta é uma ocasião especial.

— Vá lá, então, diga-me.

Freddie recostou-se e soprou um perfeito e experiente anel de fumo. — Vou vender o negócio.

Perplexa, Lottie disse: — É mais uma brincadeira?

— Não. — Ele abanou a cabeça.

— Mas porquê?

— Estou com sessenta e quatro anos. As pessoas com a minha idade

reformam-se, não é? Está na hora de passar isto a outra pessoa e fazer o tipo de coisas que quero fazer. Além disso, já apareceu o comprador certo. Não te preocupes, o teu emprego está assegurado. — Com os olhos a cintilar, Freddie disse: — Na verdade, acho que vocês os dois são capazes de se dar extremamente bem.

Como estavam em Hestacombe e não numa metrópole movimentada, não foi preciso ser nenhum génio para perceber.

— O tipo americano — disse Lottie, exalando lentamente. — O de fato.

— Esse mesmo. — A acenar com a cabeça, Freddie disse com astúcia: — E não finjas que não te recordas do nome dele.

— Tyler Klein. — Freddie tinha razão; quando os estranhos eram assim tão bonitos, os nomes não se esqueciam. — Encontrámo-nos esta tarde no lago.

— Ele não comentou nada. — Divertido, Freddie deu mais uma fumada no charuto. — Segundo parece, foi um encontro interessante.

— Pode-se dizer que sim. Então, o que vai acontecer exatamente? Ele vai comprar tudo? O senhor vai-se embora daqui? Oh, Freddie, não consigo imaginar este lugar sem si!

Lottie estava a falar com sentimento. Freddie e Mary Masterson tinham-se mudado para a Hestacombe House vinte e dois anos antes. Freddie tinha-a apanhado a roubar maçãs do seu pomar, tinha ela nove anos de idade — a mesma idade de Ruby. Ele fazia parte da aldeia e todos iriam sentir a sua falta se ele se fosse embora.

Além do mais, ele era um ótimo patrão.

— Não vou vender esta casa. Só o negócio.

Aliviada, Lottie disse: — Bem, então não é assim tão mau. O senhor vai continuar por aqui. Afinal, não vai ser assim tão diferente.

Os Chalés de Férias de Hestacombe tinham sido transformados por Freddie e Mary numa empresa de sucesso ao longo dos anos; oito imóveis originais, meticulosamente renovados, encontravam-se ou à beira do lago, ou, para maior isolamento, enfiados no meio da floresta. Hóspedes, muitos deles habituais clientes fiéis, alugavam as casinhas encantadoramente bonitas por um período que podia variar entre duas noites a um mês, seguros de que todos os seus caprichos seriam satisfeitos enquanto desfrutassem das suas férias longe de tudo, no coração das Cotswolds.

— Vá, bebe a tua bebida. — Freddie empurrou-lhe o copo de volta sobre a mesa. — O Tyler Klein é um bom sujeito. Vai tudo correr bem. — Com um brilho nos olhos, acrescentou: — Vais ficar em boas mãos.

Ora ali estava uma imagem mental bastante forte.

Desta vez, depois de beber um gole de menina, Lottie fez todos os

possíveis para apreciar a excelência do *Château Margaux*. Era bom, claro que sim, mas ela nunca teria adivinhado. — Então, onde vai ele morar?

— No Chalé da Raposa. Só precisamos de reorganizar algumas reservas. Desde que os hóspedes se mudem para um sítio melhor, não se vão importar.

O Chalé da Raposa, a mais recente aquisição, tinha passado os últimos três meses a ser extensivamente redesenhado. Por algum milagre, o trabalho tinha sido concluído antes do previsto. Era um dos imóveis mais pequenos que eles tinham; o primeiro piso tinha ficado sem paredes e era agora um único quarto enorme com janelas do chão ao teto com uma vista espetacular sobre o lago.

— Não é muito grande. — Inocentemente, Lottie disse: — A mulher dele não vai achar um bocadinho apertado?

Freddie sorriu com ironia. — Acho que o que estás a tentar saber é se ele é casado.

Lá se ia a subtileza. Descalçando as sandálias e enfiando os pés debaixo dela na cadeira almofadada, Lottie disse: — E?

— É solteiro.

Excelente, pensou Lottie alegremente. Embora, depois do encontro com Nat e Ruby, ela já tivesse provavelmente conseguido desencorajá-lo para o resto da vida.

Mas ainda havia uma coisa a intrigá-la. — Então, onde foi que o descobriu? O senhor nem sequer me disse que estava a pensar vender o negócio.

— Destino. — Freddie encolheu os ombros e voltou a encher os copos. — Lembras-te da Marcia e do Walter?

Claro. Marcia e Walter Klein, de Nova Iorque. Nos últimos cinco anos, os Klein haviam ido a Hestacombe por altura da Páscoa, sem falhar, utilizando um dos chalés como base enquanto exploravam, com o típico entusiasmo americano, Stratford-upon-Avon, Bath, Cheltenham — todas as habituais armadilhas turísticas.

— São os pais dele. — Lottie apercebeu-se de que o filho de quem Marcia se andara a gabar todos aqueles anos era Tyler. — Mas ele é um banqueiro importante de Wall Street, não é? Por que motivo queria ele desistir daquilo tudo para se mudar para cá? Isso era como o Michael Schumacher desistir da Fórmula Um para conduzir uma carrinha de leiteiro.

— O Tyler quer uma mudança. Estou certo de que ele te irá revelar os motivos para tal. Seja como for, a Marcia telefonou há quinze dias para fazer a reserva para a próxima Páscoa e começámos a falar de reformas — disse Freddie. — Eu comentei, por acaso, que estava a pensar vender isto. Dois dias depois, ela voltou a telefonar e disse que tinha comentado com

o filho e que ele estava interessado. Ele tinha estado a ver atentamente o *website*. Claro que ele já tinha ouvido falar de nós através da Marcia e do Walter; abençoados, elogiam-nos ao máximo. Então, o Tyler telefonou-me. Eu disse-lhe quanto estava a pedir pelo negócio e pu-lo em contacto com o meu contabilista para ele lhe apresentar os valores. Ele chegou a Heathrow ontem à noite e veio ver pessoalmente o espaço. E há duas horas fez-me uma proposta justa.

Assim de repente.

— Que o senhor aceitou — disse Lottie.

— Que eu aceitei.

— Tem a certeza que é isso que quer fazer? — Seria imaginação sua, ou Freddie não estava tão feliz com a situação como fingia estar?

— Certeza absoluta. — Freddie anuiu com a cabeça.

Bem, então paciência. Ele tinha direito a divertir-se um pouco. — Nesse caso, parabéns. Brindemos a uma longa e feliz reforma. — Erguendo o copo e tocando com o mesmo no dele, Lottie disse encorajadoramente: — Vai divertir-se imenso. Pense em todas as coisas fantásticas que vai poder fazer. — A brincar, porque Freddie odiava o jogo de morte, ela acrescentou: — Quem sabe, pode até dedicar-se ao golfe.

Desta vez, o sorriso de Freddie não lhe chegou aos olhos. — Há uma outra coisa.

— Oh, céus. Dança mourisca, não!

— Na verdade, é pior que a dança mourisca. — Com os dedos a apertarem o pé do copo, Freddie disse simplesmente: — Tenho um tumor cerebral.

Capítulo 3

Lottie ficou a olhar para ele. Era impossível tratar-se de uma brincadeira. Mas tinha de ser. Como podia Freddie dizer uma coisa daquelas com aquele ar impávido? Ela sentiu o coração começar a bater com força, como um tambor. Como podia ser verdade?!

— Oh, Freddie.

— Eu sei, é um pouco inibidor de conversas. Desculpa. — Evidentemente aliviado por ter desabafado, Freddie acrescentou: — Embora deva dizer que nunca pensei ver-te ficar sem palavras.

Lottie recompôs-se. — Bem, é um choque. Mas os médicos agora já podem fazer tanta coisa, vai tudo correr bem. Hoje em dia, eles extraem-nos, não é? Vai ver, daqui a nada vai ficar como novo.

Era nisso que ela queria acreditar, mas no preciso momento em que as palavras lhe saíam em turbilhão, Lottie teve a certeza que a situação era bem pior. Não era como embalar uma criança com um joelho esfolado, colar-lhe um penso da *Disney* e garantir-lhe que iria deixar de doer daí a nada.

Não era uma coisa que passasse com um beijinho.

— Certo, estou a dizer-te isto, mas agradecia que não dissesse a mais ninguém — disse Freddie. — O tumor é inoperável, por isso os cirurgiões não o podem extrair. A quimio e a radioterapia não me podem curar, mas podem conseguir-me mais algum tempo. Bem, coisa curiosa, não me senti tentado, por isso agradeci mas recusei.

— Mas...

— E também agradecia que não me interrompesses — disse Freddie calmamente. — Agora que comecei, gostaria de terminar. Então decidi, quase de imediato, que se não tenho muito tempo de vida, prefiro viver segundo as minhas condições. Ambos sabemos o que a Mary passou. — Olhou para Lottie. — Dois anos de cirurgias, intermináveis tratamentos de pesadelo. Todo aquele sofrimento. Ela passou meses a sentir-se morta e para quê? No final, ela morreu na mesma. Por isso vou dispensar isso. Segundo o meu médico, talvez tenha um ano pela frente. Tudo bem. Vou

tirar o maior partido disso, ver como correm as coisas. Ele preveniu-me que os últimos meses podem ser complicados, por isso eu disse-lhe que, nesse caso, também seria capaz de os dispensar.

Era demasiado para interiorizar. Com as mãos a tremer, Lottie pegou no copo e tombou-o. Cinco minutos antes, ela ter-se-ia atirado para cima da mesa para lamber o vinho derramado só para não o desperdiçar. Naquele momento, limitou-se a servir-se de mais, até ao topo.

— Já posso fazer perguntas?

Freddie anuiu lentamente com a cabeça. — Dispara.

— Há quanto tempo sabe?

— Há quinze dias. — O sorriso dele era contrafeito. — Claro que, inicialmente, foi um choque. Mas é surpreendente o quão rapidamente nos acostumamos com a ideia.

— Eu nem sequer sabia que o senhor estava doente. Porque não disse nada?

— Precisamente por causa disso, eu não me sentia doente. — Freddie abriu as mãos. — Só sentia dores de cabeça. Pensei que provavelmente estava a precisar de uns novos óculos de leitura, por isso fui à minha oftalmologista... e quando ela olhou para dentro dos meus olhos com aquele instrumento luminoso, consegui ver que eu tinha um problema. Quando me dei conta, estava a ser transferido para um neurologista, a fazer tomografias e todo o tipo de exames. Depois, pumba! Diagnóstico. Lottie, se estás a chorar, despejo a minha bebida em cima de ti. Para imediatamente.

Lottie reprimiu rapidamente as lágrimas, fungou ruidosamente e obrigou-se a controlar-se. Freddie estava a confidenciar-lhe o seu segredo porque estava convencido de que ela não se iria abaixo. Ela não era habitualmente chorona.

— Ok. Feito. — Ela fungou outra vez, bebeu um gole de vinho e disse defensivamente: — Desculpe, mas não é justo. O senhor não merece isto.

— Eu sei, sou maravilhoso. — Depois de apagar o charuto, Freddie disse: — Praticamente um santo.

— Principalmente não depois do que aconteceu à Mary. — Lottie sentiu um aperto na garganta; não era capaz de suportar.

— Querida, não te zangues por minha causa. A Mary já cá não está. — Freddie estendeu as mãos por cima da mesa, envolveu a dela e deu-lhe um aperto encorajador. — Não entendes? Assim é mais fácil. Descobrir esta coisa que tenho na cabeça não é o mais horrível que já me aconteceu. Nem por sombras. Perder a Mary e ter sido obrigado a viver sem ela vence, sem dúvida, este tumor.

Agora Lottie corria realmente o risco de desatar a chorar. — Isso é a coisa mais romântica que eu ouvi na vida.

— Romântica. — Freddie repetiu a palavra e riu-se. — Não é irónico? Foi assim que surgiu a alcunha dela para mim. A Mary dizia sempre que eu era tão romântico como uma camisola de rede. Oh, ela sabia o quanto importante ela era para mim, mas era mais fácil para nós implicarmos um com o outro. Nunca fomos muito de lamechices.

Lottie lembrava-se. Os dois sempre tinham sido muitíssimo felizes juntos, o casamento dos dois tinha sido verdadeiramente um exemplo a seguir. As discussões entre os dois haviam sido infinitamente inventivas, tão divertidas como um duo cómico na TV. Ela não conseguia imaginar o quanto desesperadamente Freddie devia ter sentido a falta da sua querida mulher.

Então era por isso que Mary sempre o tinha tratado por «Rede».

A injustiça do que estava a acontecer revoltou Lottie de novo. — Oh, Freddie. Porque é que isto tinha de lhe acontecer a si?

— Ou então há outra forma de ver a coisa, que é dizermos para nós próprios que temos sorte por não ter acontecido há quarenta anos — disse Freddie. — Isso é que me teria deixado fulo da vida. Mas eu cheguei aos sessenta e quatro e isso não é assim tão mau. — A contar pelos dedos, continuou: — Quando eu tinha sete anos, caí de uma árvore e parti o braço. Eu podia ter caído de cabeça e morrido. Quando tinha dezasseis, fui abalroado da minha bicicleta por um camião e parti umas costelas. Mas também nessa altura eu podia ter morrido. E há também aquela vez em que a Mary e eu estávamos de férias em Génova. Embebedámo-nos tanto com um grupo de amigos na nossa última noite que perdemos o avião para casa. E o que aconteceu? Esse avião caiu.

Ele estava a ficar entusiasmado. Lottie já tinha ouvido aquela história.

— O avião não caiu — corrigiu ela Freddie. — Uma das rodas saltou e ele tombou na pista de aterragem. Ninguém morreu.

— Mas podíamos ter morrido. Houve feridos.

— Apenas nódoas negras e arranhões. — Lottie não se ia deixar influenciar; estava um princípio em jogo. — Nódoas negras e arranhões não contam.

— Depende do quão graves são. — Freddie olhou-a com diversão. — Estamos a discutir?

— Não. — Envergonhada, Lottie recuou imediatamente. A discutir com um homem condenado; como podia ter descido tão baixo?

Aparentemente adivinhando os pensamentos dela, Freddie disse: — Estamos, sim, e nem penses em começar a ceder. Se já não discutires comigo, eu vou procurar alguém que o faça. Eu só te disse o que se passava porque estava convencido de que eras capaz de lidar com isso. Não quero tratamento com luva de pelica, ok?

— O senhor não quer tratamento nenhum! — retaliou Lottie acalora-

damente. — A questão é que, possivelmente, a radioterapia e a químio eram capazes de resultar!

— Estás autorizada a discutir, — disse Freddie com firmeza, — mas não estás autorizada a chatear. Ou serei obrigado a despedir-te.

— O senhor vai vender o negócio.

— Ah, mas podia despedir-te já. Querida, sou adulto. Tomei a minha decisão. Se eu tiver seis meses saudáveis neste planeta, então quero tirar o maior partido deles, quero fazer o que me apetecer. Na verdade, é aí que tu entras. — Ele estava agora mais relaxado e enxotou descontraidamente uma vespa enquanto falava. — Vou precisar de uma mãozinha numa coisa, Lottie. E gostava que me ajudasses.

Por um momento desconcertante, Lottie pensou que ele estivesse a referir-se a acabar com a própria vida quando chegasse a altura. Assustada, perguntou: — De que forma?

— Deus do Céu, não é esse tipo de ajuda. — Adivinhando, uma vez mais, os pensamentos dela, ou, mais provavelmente, percebendo a expressão de horror no rosto dela, Freddie deu uma enorme gargalhada. — Já te vi a fazer tiro ao prato. A única coisa em que conseguiste acertar foi numa árvore. Se, quando chegar a hora, eu precisar de alguém para me apagar, vou pedir a um atirador bem melhor do que tu.

— Não brinque com o assunto. — Lottie lançou-lhe um olhar fulminante. — Não tem graça.

— Desculpa. — Freddie não estava nada arrependido. — Mas a ideia de me fazeres pontaria com uma pressão de ar, é. Olha, eu estou a lidar com isto à minha maneira — continuou ele num tom de voz confortante. — Todos nós vamos um dia, não é? Eu podia ter um ataque cardíaco e morrer amanhã. Por comparação, ter pré-aviso de seis meses é um luxo. E é por isso que não vou desperdiçar esse tempo.

Lottie preparou-se. Ele tinha dito que precisava da sua ajuda. — Então, o que vai fazer?

— Bem, pensei muito sobre o assunto. E, na verdade, não é assim tão fácil como se pode imaginar. — Freddie fez uma careta. — Isto é, o que farias tu? Se dinheiro não fosse problema.

Aquilo era surreal. Mórbido e surreal. Mas se Freddie era capaz de o fazer, ela também era. Lottie disse: — Ok, é um cliché, mas acho que levaria os miúdos à Disneylândia.

— Exatamente. — Com um ar satisfeito, Freddie anuiu vigorosamente com a cabeça. — Porque sabes que seria isso que eles mais desejariam fazer.

Numa atitude defensiva, Lottie disse: — Eu também adoraria!

— Claro que sim. Mas se os miúdos não pudessem ir, irias sozinha?

Fez-se luz. Sentindo-se péssima de novo, Lottie ansiou abraçá-lo. Em vez disso, disse: — Não, acho que não — e bebeu mais um gole de vinho.

— Vês? Exatamente onde eu queria chegar. — Freddie inclinou-se para a frente e pousou os cotovelos na mesa. — Há uns anos, antes de ela adoecer, a Mary e eu costumávamos sonhar em reformarmo-nos um dia e viajar pelo mundo. Ela queria percorrer a Grande Muralha da China, visitar as Cataratas Vitória e explorar a cidade perdida do Peru. No topo da minha lista estavam quinze dias no Gritti Palace em Veneza, seguido de viagens à Nova Zelândia e à Polinésia. Depois começávamos a discutir porque eu dizia que depois das viagens devíamos comprar uma pequena vila na Toscana e a Mary insistia que, se ia envelhecer nalgum sítio, preferia envelhecer em Paris.

Freddie fez uma pausa, olhando por instantes para a garrafa quase vazia de *Château Margaux*. — Mas é precisamente essa a questão, não é? O plano era envelhecermos juntos. Agora tenho dinheiro para ir a qualquer parte do mundo, mas já não faz sentido porque onde está a piada em ir sozinho, ou com um monte de estranhos? Eu só queria ver aqueles lugares com a Mary.

Lottie imaginou-o diante de uma vista espetacular sem ninguém de quem gostasse para partilhar o momento. Era como ela se sentiria, sozinha numa carruagem de montanha-russa na Disneylândia. Sem Nat nem Ruby ao seu lado, como poderia divertir-se?

— Então, viajar está fora de questão.

Freddie acenou concordantemente com a cabeça. — E decidi também passar os desportos perigosos. Salto de paraquedas, rapel, rafting em água pouco profunda. — A boca dele estava a tremelicar. — Não é propriamente a minha onda.

Como podia ele estar assim tão animado? Perplexa, Lottie perguntou: — Então, o que vai fazer?

— Bem, é por isso que te estou a pedir ajuda. — Freddie parecia satisfeito consigo próprio. — Sabes, é que eu tenho um plano.

Capítulo 4

Nat e Ruby tinham ido passar o final da tarde a casa do pai. Quando Lottie chegou às nove horas para ir buscá-los, foi recebida à porta por Nat, que se atirou nos braços dela e disse: — Estávamos a divertir-nos!

— Viva! — Depois das últimas horas traumáticas a digerir a notícia de Freddie, Lottie deu-lhe um abraço extraforte.

— Ai, mãe, larga-me! O pai disse-nos tudo sobre VD¹.

— Ah, sim? — Ela pestanejou. Teria Mario enlouquecido por completo?

— É fantástico. Eu adoro. — Libertando-se do abraço e arrastando Lottie para a cozinha, Nat exclamou: — Vou fazer montes. VD é muito fixe.

— Não é vêdê, seu estúpido. — Ruby revirou os olhos com a superioridade de quem tem nove anos de idade. — É vudu.

— Não sou estúpido. Estúpida és tu.

— Seja como for, VD é uma coisa completamente diferente. Tem a ver com...

— Então, vudu — interrompeu Lottie rapidamente. — Então porque é que o papá vos esteve a falar disso?

— Nós falámos-lhe daquele homem horrível. Não foi, papá? — Quando Mario entrou na cozinha, Nat virou-se empolgadamente para ele. — Aquele que disse mentiras sobre nós hoje à tarde. E o pai disse que nós precisávamos era de nos vingarmos e que devíamos experimentar VD.

À porta, Mario sorriu com malícia. — Costuma funcionar.

— Vudu! — enfatizou Lottie.

— Vudu. Então o pai disse-nos que se fazem bonecos das pessoas de que não gostamos e espetamos alfinetes neles. Então foi isso que estivemos a fazer! — Com um ar triunfante, Nat correu até à mesa da cozinha e brandiu um boneco de plasticina cheio de palitos de cocktail. — É este homem, vês? E sempre que espetamos um palito nele, ele sente mesmo dor no lugar em que espetámos. Assim! — continuou ele com entusiasmo, espetando

¹ Abreviatura de *venereal disease* (doença venérea). (N. da T.)

mais um palito de cocktail na perna esquerda do boneco de plasticina. — Na vida real, ele agora está aos pulos e a gritar ai!

Lottie olhou para o ex-marido. — Recorda-me mais uma vez: quantos anos tens?

— Não precisas de ficar tão irritada. — Mario estava a sorrir abertamente. — É só uma brincadeira.

— E assim! — Nat espetou alegremente o boneco de plasticina na barriga. — Ah! Isto vai ensiná-lo a não dizer mentiras de nós.

Uma brincadeira. Lindo. Lottie indagava-se por vezes se Mario teria algum bom senso naquela cabeça. Exasperada, disse: — Não podes ensiná-los a fazer coisas dessas. É uma irresponsabilidade.

— Não, não é. É fantástico. — Ruby estava a espetar alegremente o próprio boneco de vudu com palitos de cocktail. — Seja como for, nós não roubámos a tua roupa, por isso aquele homem horrível merece.

— Aquele homem horrível vai ser o meu novo patrão — disse Lottie com um suspiro. — Por isso vão ter de se acostumar com ele.

— Vês? Até tu achas que ele é horrível. — Nat examinou interessadamente a cara dela. — Foi por isso que estiveste a chorar?

— Eu não estive a chorar. É só a febre dos fenos. — Recompondo-se, Lottie constatou o quão difícil iria ser guardar segredo da notícia da doença de Freddie. — Vá, vocês os dois; está na hora de irmos para casa.

— Não é preciso pressa. Dá-lhes dez minutos no jardim. — Depois de os enxotar para fora pela porta das traseiras, Mario conduziu delicadamente Lottie até uma cadeira da cozinha e disse: — Parece que estás a precisar de uma bebida. Vou buscar uma cerveja para cada um.

Num minuto, *Château Margaux*, no seguinte, uma lata de *Heineken*. Que diabo, porque não? Descalçando as sandálias e recostando-se na cadeira, Lottie viu-o tirar as latas do frigorífico e de seguida tirar os copos do armário. Ela adorava estar divorciada de Mario, mas ainda era possível admirar a sua boa aparência e corpo tonificado. Na verdade, era provavelmente mais fácil agora, sem os laços emocionais associados, nem aquela permanente sensação de ansiedade no estômago por pensar que ele podia estar a partilhar o corpo com mais alguém em segredo.

O que, afinal, era exatamente o que tinha acontecido, embora, escusado será dizer, não tivesse sido culpa de Mario.

Mas, também, nunca nada era culpa sua.

— Aqui tens. Saúde. — Depois de despejar a *Heineken* em dois copos, Mario entregou-lhe um e observou-a por cima da borda do outro. — Então, vais dizer-me porque estiveste a chorar?

Não.

Lottie abanou a cabeça. — Não é nada. O Freddie e eu estivemos a

falar sobre a Mary. Fiquei um bocado emocionada, só isso. — Ela estendeu a mão sobre a mesa, pegou nos bonecos de vudu em plasticina e começou a tirar os palitos de cocktail. — Ele sente muito a falta dela. Não dá para imaginar como deve ser.

— E eu a pensar que estavas abalada porque hoje é o nosso aniversário de casamento — brincou Mario.

Céus, era? Seis de agosto. Caramba, era mesmo. Quão estranho ela não se ter lembrado. Mais estranho ainda Mario ter.

— Não é o nosso aniversário de casamento. Teria sido — corrigiu-o Lottie — se ainda estivéssemos casados.

— Ah, mas tu deixaste-me. Partiste-me o coração. — Mario parecia realmente desolado.

— Desculpa, mas eu deixei-te porque tu eras um filho da mãe traidor.

— Faz hoje dez anos. — A expressão dele suavizou com a recordação. — Foi um dia fantástico, não foi?

De facto, tinha sido. Lottie sorriu. Ela estava com vinte anos na altura — demasiado nova, realmente — e Mario vinte e três. A mãe italiana de Mario tinha convidado um magote de parentes emotivos da Sicília e as amigas de Lottie tinham ficado encantadas com a tez morena e o *glamour* estilo *Padrinho* dos primos. Todos se tinham entendido lindamente, o tempo tinha estado espetacular e o baile tinha durado até de madrugada. Toda de branco e grávida de pouco tempo, Lottie tinha-se perguntado se seria possível ser mais feliz. Ela tinha Mario e um bebé a caminho; as coisas não podiam realmente ser melhores. A sua vida era oficialmente perfeita.

E, para ser honesta, tinha sido bastante perfeita nos primeiros anos. Mario era encantador, irresistível, nunca enfadonho e nunca entediado. Era também um pai fantástico, que adorava os filhos e — uma característica particularmente boa — nunca se esquivava a mudar as fraldas.

Mas a famosa capacidade de Mario para seduzir estava associada à sua arte de namoriscar e, após um certo tempo, Lottie tinha começado a sentir as desvantagens de ser casada com um homem que gostava de ser o centro das atenções. As outras raparigas eram demasiadamente óbvias no interesse que tinham por ele. Lottie, que também não era nenhuma mosca-morta, disse a Mario que os namoricos tinham de acabar. Mas isso não estava, pura e simplesmente, na sua natureza. Tinha sido então que as discussões haviam começado. Era arrasador constatar que se tinha casado com um homem que, basicamente, não tinha vocação para o casamento. Pelo menos, não para o casamento monogâmico. Os ciúmes eram uma emoção inútil e da qual Lottie nunca sofrera. Ela tinha demasiada autoestima para tal. Se Mario não era capaz de lhe ser fiel, então não a merecia. Ficar com alguém

em quem não podia confiar não era algo que ela tolerasse; mais cedo ou mais tarde, ela sabia que iriam começar a odiar-se mutuamente.

Ou isso, ou ela iria acabar por o espetar com algo muito maior do que um palito de cocktail.

Pelo bem de Nat e de Ruby, e antes que o ódio e o rancor pudessem surgir, Lottie anunciou a Mario que o casamento dos dois tinha terminado. Mario ficou arrasado e fez os possíveis para a fazer mudar de ideias, mas Lottie manteve-se firme. Era a única forma, se queriam permanecer amigos.

— Mas eu amo-te — havia protestado Mario.

Ele amava; ela sabia que sim.

— Eu também te amo. — O esforço que ela tinha tido de fazer para ser corajosa e ir até ao fim com a decisão tinha sido maior do que ela deixara transparecer. — Mas estás a ter um caso com a tua rececionista.

— Não estou nada! — Chocado, Mario tinha insistido: — Não é um caso. A Jennifer? Ela não significa nada para mim!

Aquela última parte também era provavelmente verdade.

— Talvez, mas tu significas tudo para ela. Ela ligou-me ontem à noite, lavada em lágrimas, para me dizer o quanto. Durante uma hora. — Lottie havia suspirado. — E não me digas que vais mudar, porque ambos sabemos que seria uma grande mentira. Assim é melhor, vai por mim. Agora, porque não nos sentamos e decidimos quem vai morar onde?

Felizmente, o dinheiro não era problema. Mario era gerente numa elegante concessionária de automóveis em Cheltenham e, escusado será dizer, um vendedor excepcional com vencimento a condizer. Eles tinham acordado que Lottie e as crianças deveriam ficar no Chalé do Gaiteiro, enquanto Mario compraria uma das novas casas do outro lado da aldeia. Não passara pela cabeça de nenhum dos dois que não ficariam ambos em Hestacombe. Nat e Ruby continuariam a poder ver Mario sempre que quisessem, e ele poderia continuar a ser um bom pai para eles.

Tinha tudo funcionado incrivelmente bem. Acabar com um casamento era sempre doloroso e triste, mas Lottie tinha tido o cuidado de esconder bem os seus sentimentos. E, pouco tempo depois, ficara com a certeza de que tinha tomado a decisão certa. Era como chegar às águas de pouca profundidade depois de ter estado demasiado tempo a boiar freneticamente na água. Mario Carlyle podia ter estado longe de ser o marido ideal, mas não podia ser melhor ex-marido.

Exceto quando ensinava irrefletidamente os filhos a espetarem palitos em efígies de plasticina do seu novo patrão.

Capítulo 5

— Eh, estás aí? — Mario estava a acenar com uma mão em frente da cara dela.

— Desculpa. — Regressando ao presente com um sobressalto, Lottie disse: — Estava só a pensar o quão melhor é já não estar casada contigo.

— Não estares casada com ninguém, queres tu dizer. — Mario gostava de implicar com a inexistência de vida amorosa dela. — É melhor teres cuidado; daqui a nada, transformas-te numa solteirona convicta. Chama-se a isso hábitos fixos. Daqui a dez anos, os miúdos saem de casa e tu vais ficar sozinha, presa à tua cadeira de baloiço, a gritares com a televisão e a recusares a entrada à pessoa que faz a leitura do gás porque pode ser um homem!

Lottie atirou-lhe a bola de plasticina que tinha feito. — Daqui a dez anos, terei quarenta.

Sem se deixar intimidar, Mario disse: — E a brandir a tua bengala a qualquer homem que se atreva a ficar a menos de oitocentos metros de ti. Serás a velha assustadora com a casa cheia de bonecas. Vais fazer-lhes pequenos vestidos de renda, dar-lhes nomes e mandar-lhes cartões nos aniversários.

— Não quando tiver quarenta anos. Não estava a pensar fazer isso, no mínimo, antes dos cinquenta e seis — protestou Lottie. — De qualquer modo, não preciso de ir a correr agarrar o primeiro homem que encontrar. Estou bem sozinha. Na verdade, estou a gostar do descanso. — A sorrir-lhe abertamente, disse: — Devias experimentar, um dia destes.

Como isso era o mesmo que sugerir que ele talvez quisesse escalar o Monte Cervino em sapatos de balé, Mario ignorou-a. — Estou a falar a sério. Desde que nos separámos que só tiveste um encontro! — Ele levantou um dedo na eventualidade de ela não ser capaz de compreender a vergonhosa singularidade do algarismo. — E olha no que deu! Lottie, não é normal.

Não seria? Talvez não, mas ela não deixava sinceramente que isso a preocupasse. Lottie achava que era muito mais fácil ser livre e solteira, do

que obrigar-se a sair para encontros como o desastroso que tivera no ano anterior. Ela só tinha concordado em jantar com Melv, o Nervosinho, porque ele já a tinha convidado três vezes e ela não tinha tido coragem de recusar outra vez. Além disso, ele era um homem meigo e ansioso por agradar, do tipo que nunca trataria mal uma mulher. E, afinal, era apenas um jantar. O que poderia correr mal?

Infelizmente, muita coisa. Os nervos de Melvyn podiam ter tido alguma responsabilidade, mas era difícil uma pessoa divertir-se na companhia de um homem — ok, um inspetor dos impostos — que tinha um irritante tique nervoso e passava a primeira hora do encontro a dar uma palestra sobre declarações de impostos. Lottie, que estivera acordada praticamente toda a noite anterior com Nat (gastroenterite, nada agradável), quase tinha deslocado o maxilar com o esforço de não bocejar durante as complicadas explicações de Melvyn sobre o que as pessoas eram capazes de fazer para tentarem fugir aos impostos. Depois de terem comido as entradas, desesperada por um bocejo ininterrupto, ela tinha pedido licença para se levantar da mesa e tinha fugido para a casa de banho.

Onde, dominada pela exaustão, tinha adormecido rapidamente.

Acordar no cubículo e constatar que se tinham passado noventa minutos foi bastante mau. Regressar ao restaurante e descobrir que Melvyn tinha pago a conta e ido embora tinha sido ainda pior. Assumindo que ela tinha ido a pé por ele ser extremamente chato, ele não tinha sequer mandado uma empregada de mesa à casa de banho das senhoras para ver se ela ainda lá estava.

— Ele não parava de dizer que a culpa era dele, — dissera a empregada de mesa a Lottie, — porque tinha estado outra vez a falar de trabalho. Cá entre nós, acho que ele já teve miúdas a fugirem dele. Pobrezinho, senti mesmo pena dele. Parecia destroçado. Mas eu disse-lhe logo, um tipo não pode estar à espera de deslumbrar uma miúda com conversas intermináveis sobre taxas de juro e IVA.

A humilhação final tinha acontecido quando Lottie, apercebendo-se de que não tinha dinheiro suficiente para o táxi, tinha sido obrigada a telefonar para Mario a pedir-lhe que fosse buscá-la a Cheltenham. Morta de fome, ela tinha acabado por deixá-lo comprar-lhe um *Burger King* triplo de queijo e batatas fritas para comer no carro a caminho de casa.

Como ele se rira dela naquela noite.

Bem, pelo menos Melvyn não a tinha convidado para sair outra vez. Às vezes, uma pessoa tinha de dar graças pelas pequenas bênçãos.

— Uma droga de encontro, — repetiu Mario, ainda a sorrir, — com Melv, o Nervosinho. Nem foi sequer um encontro completo, ficou mais pela metade. Sinceramente, és uma causa perdida.

— A culpa foi ter sido casada contigo. Marcou-me para o resto da vida — disse confortavelmente Lottie.

— És demasiado exigente, é esse o teu problema.

— Ao contrário de ti. Tu és o oposto de exigente.

— Muito obrigado. Vou dizer à Amber que disseste isso. Na verdade, — Mario virou a cabeça ao ouvir um carro subir o caminho de acesso à casa, — vou dizer-lhe agora mesmo.

— Tirando a Amber — disse Lottie. Durante os três anos que se tinham seguido à separação, havia passado pela vida de Mario um fluxo constante de namoradas. O que, para Lottie, não teria tido qualquer problema — era permitido, ele agora era solteiro —, não fosse o facto de haver Nat e Ruby a considerar. A maioria dessas namoradas tinha sido completamente desadequada. Lottie não queria ficar conhecida como a Bruxa Má do Oeste, nem como uma ex-mulher ciumenta decidida a estragar cada novo relacionamento que o marido se atrevia a ter, mas como podia ela fingir ficar encantada por conhecê-las quando havia a possibilidade remota de elas poderem acabar envolvidas na vida dos filhos?

Não que aquelas raparigas fossem más, cruéis ou deliberadamente indelicadas, nada disso. Eram apenas estouvadas, descuidadas, ou não estavam simplesmente à altura da tarefa. Invariavelmente, fingiam adorar Ruby e Nat por estarem muito interessadas em impressionar Mario. Para conseguirem popularidade e ganharem a amizade dos dois, estavam constantemente a comprar-lhes doces e gelados. Uma loura tonta tinha-se oferecido para fazer madeixas no cabelo de Ruby — como seria de esperar, tinham-se seguido lágrimas e birras quando Lottie informara rapidamente Ruby de que tal não iria acontecer. Outra rapariga tinha comprado a Nat uma figa de força industrial. No ano anterior, sem pensar em consultar primeiro Lottie ou Mario, uma morena animada chamada Babs tinha dado a palavra a Ruby de que, pelo seu nono aniversário, a levaria a Cheltenham para fazer um piercing no umbigo.

Depois disso, tinha sido adeusinho Babs. Só Deus sabe o que poderia ela ter planeado como *encore*. Provavelmente, levar secretamente Nat a um tatuador para fazer uma tatuagem do Action Man.

Mas Amber era a namorada de maior duração até à data, e Amber era diferente. Gostava verdadeiramente dos filhos de Mario e, por sua vez, Lottie gostava dela. Muito, na verdade. Se ela conseguisse organizar a vida de toda a gente — céus, não seria sensacional?! —, escolheria Amber para ficar com Mario, para o domar, casar com ele e tornar-se madrasta de Ruby e Nat. Claro que provavelmente teria também de tratar da castração de Mario, como se de um cão se tratasse, mas que se lixasse. Qualquer coisa para o manter no bom caminho.

Entretanto, ela podia certamente dar o seu contributo para encorajar a relação. Qualquer coisa para evitar que uma outra Babs entrasse em cena e se tornasse a próxima Sra. Carlyle.

A porta da frente abriu-se e fechou-se com um estrondo, e Amber apareceu na cozinha. Loura e pequena, com um sorriso alegre e uma queda para saias curtas e saltos vertiginosamente altos, não era a imagem mais óbvia da madrastra ideal, mas debaixo dos tops decotados batia um coração de ouro. Amber era enérgica, trabalhadora e viciada em joias cintilantes. Ela e Mario namoravam havia já sete meses e ela não era do tipo de aturar qualquer disparate. Até à data, ele tinha conseguido controlar-se. Pelo seu próprio bem, Lottie só podia desejar que ele assim continuasse.

— Olá. Pestinhas no jardim?

— Não te preocupes, vou levá-los agora para casa. — Lottie ofereceu-lhe a cerveja na qual mal tinha tocado. — Vamos deixar-vos em paz. O dia foi bom?

Amber tinha um salão de cabeleireiro em Tetbury, empregava quatro cabeleireiras em part-time e tinha conseguido conquistar uma clientela diversa e dedicada.

— Foi um dia interessante. Ofereceram-me umas férias de graça no Sul de França.

Mario disse: — Isso não é nada. Quando abri a caixa do correio hoje de manhã, ofereceram-me vinte e cinco mil e uma viagem à Austrália. Querida, a isso chama-se publicidade não solicitada. Eles não nos dão realmente essas coisas todas de graça.

— Tu és hilariante. Esta foi uma oferta genuína. — Com as inúmeras pulseiras a tilintarem enquanto vasculhava a mochila cor-de-rosa cravejada de pedras artificiais, Amber pegou num folheto de viagens e puxou uma cadeira ao lado de Lottie. — Vá, eu mostro-vos. Uma das minhas clientes reservou duas semanas em Saint-Tropez para ela e o namorado, mas eles acabaram na semana passada. Ela perguntou-me se eu estaria interessada em ir. Aqui está, página trinta e sete. Tem um aspeto fantástico, tem piscina privada e tudo, e fica apenas a cinco minutos da marina onde todos os bilionários atracam os iates.

— Uau! O apartamento também é todo chique. — Lottie estava a observar atentamente as fotografias no folheto. — E aquela vista sobre a baía?

Agora interessado, Mario inclinou-se para a frente para dar uma espreitadela. — Nunca estive em Saint-Tropez. Para quando é a reserva?

— Início de setembro. Segundo parece, é muito movimentado em julho e agosto, por isso essa é uma altura melhor para visitar.

— As mulheres fazem todas topless nas praias. — Lottie olhou compreensivamente para Mario. — Ias odiar.

— Na verdade... — começou Amber, mas Mario puxou o folheto para si.

— Sabes, sou capaz de conseguir quinze dias nessa altura. Ainda tenho três semanas para gozar antes do Natal. Pode ser exatamente o que estamos a precisar. — Olhou para Amber. — Vou ter de desenferrujar o meu francês antes de lá chegarmos. *Voulez-vous coucher avec moi, mon ange, ma petite, mon petit chou...*

— *Mon petit chou.* — Lottie fez uma careta. — Sabes, nunca entendi isso. Se alguém me chamasse de couve, eu puxava-lhe as orelhas.

— Na verdade, — interrompeu Amber apressadamente, — ela convidou-me só a mim, não a ti.

Mario parecia confuso. — Mas tu disseste...

— A Mandy acabou com o namorado, mas vai de férias na mesma. Ela perguntou-me se eu gostaria de ir no lugar dele.

— Ah. Certo. — Cabisbaixo, Mario encolheu os ombros. — E ela é apenas uma das tuas clientes?

— Bem, sim, mas também é uma amiga. A Mandy tem ido semanalmente ao salão nos últimos três anos. Nunca ficamos sem assunto de conversa. As férias estão marcadas e pagas, e há meses que ela anda a ansiar por isso. Mas ela não quer ir sozinha e nenhuma das outras amigas pode pedir dias de folga do trabalho com tão pouca antecedência. Então ela convidou-me a mim — disse Amber alegremente. — E eu pensei, caramba, umas férias de borla, porque não?

Mario parecia apanhado de surpresa. — Então já disseste que sim.

— Sim. — Amber anuiu com a cabeça, os longos brincos de prata dançando sobre os ombros. — Bem, eu seria doida se recusasse uma oferta dessas, não seria? A Patsy e a Liz vão fazer horas extra no salão. Não há razão para eu não ir. Céus, já estou em pulgas!

Lottie estava contente por Amber, que trabalhava arduamente e que merecia uma folga, mas ocorria-lhe uma razão para ela não ir. Se Mario ficasse sozinho, deixado à própria mercê durante duas semanas inteiras, quem sabia no que poderia meter-se? Sem se aperceber, Amber podia estar a colocar a relação dos dois em risco.

Mas por muito que Lottie não quisesse que tal acontecesse, não era papel seu interferir. Ela não podia propriamente dizer a Amber que se quisesse garantir que Mario se mantinha fiel, devia cancelar as férias. Ou arranjar forma de ele ser detido e atirado para dentro de uma cela durante essas duas semanas — desde que não houvesse guardas prisionais do sexo feminino.

— Aaarrrgh! Uh, pestinhas! — A fingir horror e repulsa, Amber tapou-se com o folheto das férias quando Nat e Ruby entraram de rompante na cozinha. — Uh, não os deixem chegar perto de mim, são tão feios!

— Tu gostas mesmo de nós. — Nat sorriu e encostou-se à cadeira dela. — Prometeste jogar ao Uno quando viesses cá outra vez.

— É verdade. Mas, infelizmente, a vossa mãe tem de vos levar para casa. Ufa, que alívio! — disse Amber. — Isto é, oh, céus, que tragédia! Estou tããão desapontada!

— Podemos jogar da próxima vez. Trouxeste-nos algum doce?

— Não, não trouxe. Os doces fazem os dentes apodrecer e cair. Já és suficientemente assustador. — Amber começou a fazer-lhe cócegas nas costelas, fazendo Nat guinchar e rir-se descontroladamente e de seguida bateu palmas e exclamou para Ruby: — Oh, não vais adivinhar quem apareceu hoje no salão.

— A Buffy, Caçadora de Vampiros.

— Não propriamente. Não costumamos ter muitos vampiros em Tetbury. Não, esta senhora comentou por acaso que dava aulas na escola primária de Oaklea. E eu disse: caramba, pobrezinha, eu conheço dois mostrengos que andam lá.

— Quem era? — perguntou Ruby com entusiasmo.

Num tom de voz conspirador, Amber sussurrou: — A Sra. Ashton.

— A Sra. Ashton? É a minha professora!

— Eu sei! Ela disse-me que era tua professora! Eu disse que tinhas passado as férias todas de verão a fazer trabalhos de casa e a treinar a tabuada.

Ruby riu baixinho. — Ela acreditou em ti?

— Nem por um segundo. Ela disse que eu devia estar a falar de uma outra Ruby Carlyle.

Fascinada, Ruby perguntou: — O que fizeste ao cabelo dela?

— Bem, demorei eras a pintá-lo de rosa-choque. Depois tive de acrescentar cerca de um milhão de extensões louras-platinadas. Frisei umas e entranchei outras, — explicou Amber, — e no final da tarde ela estava fantástica, exatamente como a Christina Aguilera no *Moulin Rouge*. Mas ela fez nova marcação para daqui a duas semanas porque tem de tirar tudo antes de as aulas recomeçarem. Quando voltares a ver a professora Ashton, ela já vai estar normal, de cabelo castanho curto com franja. Como se nada tivesse acontecido.

Ruby e Nat olharam um para o outro, divididos entre fascínio e incredulidade. — A sério? — perguntou Ruby.

— O quê? Não acreditas em mim? — Amber arregalou os olhos. — Todos os professores fazem isto. Têm de ter cabelo normal de professor durante as aulas. Mas quando chegam as férias, deixem-me que vos diga, ficam completamente loucos.

— O professor Overton não pode ficar louco — salientou Nat. — Ele não tem cabelo nenhum.

— Ah, mas devias ver as perucas que ele usa nas férias!

Ao ver os três interagirem com tanta facilidade, Lottie sentiu o coração inchar com amor. Tudo o que mais queria no mundo era que os filhos fossem felizes. Se morresse e Ruby e Nat tivessem de viver o tempo inteiro com Mario, ela não poderia desejar melhor potencial madraستا que Amber.

Deus, por favor, não deixes o Mario estragar tudo. Talvez ela devesse considerar partir-lhe as duas pernas, obrigando-o assim a passar os quinze dias deitado de costas com as pernas em tração enquanto Amber estivesse fora.

Capítulo 6

*C*omo perder amigos e irritar verdadeiramente as pessoas, pensou Cressida, arrepiada de constrangimento pelo que podia estar prestes a fazer.

Por outro lado, ela iria, nitidamente, estar a fazer um favor àquele homem. Além disso, havia alguma coisa nele que a fazia querer encetar conversa, mesmo que ele lhe parecesse já bastante enervado.

Desde que ele não pensasse que ela era alguma maluca. Passando rapidamente as mãos pelos esvoaçantes cabelos castanhos-claros — sim, até ali na loja da aldeia de Hestacombe este tentava corajosamente esvoaçar —, Cressida ensaiou mentalmente o que iria dizer.

Ted, que era o gerente da loja, estava ocupado a atender alguém ao balcão, a registar produtos na caixa registadora e a resmungar simpaticamente sobre os últimos resultados do críquete. No fundo da loja, o homem que Cressida estava naquele momento a perseguir examinava desanimadamente, uma vez mais, com minúcia uma coleção de cartões de felicitações em saldo e murmurava para o filho: — Não vale a pena, não há nada aqui. Vamos ter de ir a Stroud, procurar alguma coisa decente.

O menino parecia desesperado. Pela segunda vez, queixou-se: — Mas, pai, devíamos ter ido pescar. Tu prometeste!

— Eu sei, mas temos de fazer isto primeiro. Amanhã é o aniversário da avó e tu sabes como ela é no que toca a cartões.

O menino, que devia ter uns onze anos, disse com frustração: — Bem, então compra-lhe este — e arrancou um cartão do instável expositor giratório.

Pelo canto do olho, Cressida viu que o cartão que ele tinha escolhido exibía um fofo coelhinho gorducho agarrado a um ramo de flores. O pai do menino disse terminantemente: — A avó ia odiar isso. Ela ia pensar que não nos demos ao trabalho de lhe escolher uma coisa decente. Olha, se formos agora até Stroud, podemos estar de volta ao meio-dia.

— Pai, mas não vamos estar, pois não? — O menino revirou os olhos com incredulidade. — Tu dizes sempre que as coisas vão ser rápidas e aca-

bam por demorar eternidades, e depois vais dizer que não vale a pena ir pescar porque já é muito tarde...

— Hum! — Clareando a voz e verificando que Ted continuava ocupado no outro extremo da loja, Cressida disse em voz baixa: — Eu sou capaz de poder ajudar.

Pronto, estava feito. Já não havia como voltar atrás. Ela tinha acabado de abordar um autêntico estranho num lugar público e oferecido descaradamente os seus préstimos.

O homem e o filho viraram-se, nitidamente sobressaltados. — Desculpe?

Oh, céus, um pouco alto de mais. Fazendo uma cara de «fale-baixo», Cressida aproximou-se mais uns passos.

— Desculpe, eu não devia estar a fazer isto, é um pouco atrevido da minha parte. Mas se quiser, eu posso fazer-lhe um cartão.

O menino disse: — O quê?!

Agora é que pensavam realmente que ela estava a abusar. A porta retiniu quando mais um cliente saiu da loja. Estarem ali escondidos a segredar furtivamente como uns agentes secretos iria, com certeza, levantar as suspeitas de Ted.

— Eu ganho a vida a fazer cartões de felicitações. — Vagamente irritada com os modos do menino, Cressida disse: — Eu vivo mesmo ao cimo da rua. Saio daqui em dois minutos, se estiver interessado. Senão, também não há problema. Há muitas lojas boas de cartões em Stroud.

Uh, agora sentia-se desleal para com Ted e envergonhada consigo própria. Ciente de que as suas faces estavam a esquentar, Cressida tirou um frasco de detergente de louça da prateleira e afastou-se deles. Foi até ao frigorífico, serviu-se de leite e manteiga e depois dirigiu-se ao balcão.

— Malditos veraneantes — resmungou Ted quando a porta se fechou depois de o homem e o filho terem saído. Para ele, entrarem na loja e saírem sem comprar nada era uma afronta pessoal.

Cressida lembrou a si mesma que, na verdade, não havia necessidade de se sentir cheia de culpa; o homem também não tinha estado interessado em comprar um dos cartões da pequena e triste coleção do expositor.

Mas a sua consciência não ia deixá-la em paz com essa facilidade.

— Eu sei, são uma chatice, não são? Vou levar também umas gomas de fruta, Ted.

— E um bolo de noz? Foi feito esta manhã. — A anuir encorajadoramente com a cabeça, Ted estava já a pegar numa caixa de pastelaria.

— Vá lá, então. — Cressida cedeu; resistir à conversa de vendedor era outro dos seus pontos fracos. — E um bolo de noz.

No exterior, ao sol, o homem e o filho estavam a deambular descon-

fortavelmente a uns vinte metros da loja. Cressida juntou-se a eles e disse: — Desculpe, eu sei que me deve ter achado um pouco estranha, mas garanto-lhe que não sou. Aquela ali acima, voltada para a praça da aldeia, é a minha casa.

— Bem, isto até parece coisa do MI5. — O homem fez uma fraca tentativa de piada enquanto Cressida olhava para ambos os lados antes de destrancar a porta verde-esmeralda.

— O Ted por vezes é um bocadinho suscetível. Eu ia odiar ser banida da única loja da aldeia. Entrem, o meu atelier fica no fim do corredor. — Cressida conduziu-os à ampla e ensolarada ex-sala de jantar, pintada de amarelo e branco e cheia de caixas empilhadas. Encostada a uma parede, estava uma secretária com o computador dela; graças à internet, era assim que ela atraía a maior parte dos clientes. Ao lado, o trabalho que ela estava naquele momento a iniciar encontrava-se espalhado sobre uma mesa de três metros de comprimento. — Muito bem, eu não vou demorá-lo, sei que estão com pressa para irem pescar. — Cressida olhou de relance para o menino, que estava a arrastar os pés, evidentemente a contar cada segundo em voz baixa. — Mas se me disser do que a sua mãe gosta, posso fazer um cartão imediatamente. Faço-os por encomenda.

O homem aproximou-se da mesa e a vibração dos seus passos sobre o chão de madeira despertou o ecrã do computador. Depois de ter observado as folhas de cartolina grossa, os rolos de seda e as fitas de veludo, as taças com pétalas secas, penas e contas de vidro coloridas, ele olhou de novo para o monitor do computador e leu: — Cartões Cressida Forbes. É esse o seu nome?

— Sou eu. — Numa tentativa de fazer o que qualquer mulher de negócios com amor-próprio faria, Cressida disse numa voz demasiado alegre: — Cartões perfeitos para todas as ocasiões!

O menino, com quem ela estava a começar a antipatizar rapidamente, bufou baixinho daquela maneira que nitidamente queria dizer: «És uma autêntica idiota.»

— Cressida. Nome bonito — disse o pai, tentando corajosamente compensar.

— Não quando se está na escola e todos nos chamam *Watercress*². — Cressida falava com convicção.

Mais um resfolgo chegou-lhes aos ouvidos. Com um sorriso afetado, o menino disse: — Ou *Mustard and Cress*³.

— Ah, sim. Isso também. Não interessa. — Agarrando no rato, Cres-

² Agrião. (N. da T.)

³ Mostarda branca com agrião picante; usado em saladas. (N. da T.)

sida selecionou uma amostra de cartões de felicitações do seu *website* e visualizou-os rapidamente. — Posso fazer qualquer um destes e personalizá-lo ao seu gosto.

O menino estava com um ar de desânimo. — Quanto tempo é que isso vai demorar?

— Não muito. Porque eu sou muito inteligente. Menos de meia hora — disse Cressida para o enervar.

— Meia hora?!

— Gosto deste. — O homem estava a apontar para um cartão lilás com uma ilustração de um jardim impressionista composta por gaze verde-clara iridescente, contas de quartzo rosa, fita prateada e árvores desenhadas a verde metálico. Virando-se para Cressida, ele disse: — E podia pôr «Mãe, tenha um maravilhoso septuagésimo aniversário» na frente?

— Claro que posso. — Acharia ele que ela não sabia escrever? — O que você quiser.

— Meia hora!

— Tome. — Esticando o braço pela frente do menino rabugento, Cressida tirou uma folha A5 de cartolina lilás dobrada ao meio e um envelope condizente de um dos tabuleiros de arquivo que tinha em cima da secretária. Abriu o cartão, estendeu ao pai uma caneta de tinta permanente preta e disse: — Escreva o que quiser aqui dentro e enderece o envelope. Depois vá tratar da sua pesca. Eu termino o cartão e ponho-o no correio antes da hora do almoço.

— Sim, mas como podemos ter a certeza que vai enviá-lo?

Aquele era um menino muito necessitado de uma palmada. Com um sorriso doce, Cressida disse: — Quando telefonares à tua avó amanhã a desejar-lhe feliz aniversário, podes perguntar-lhe se gostou do cartão.

— Donny, comporta-te. Peço desculpa. — Assim que acabou de escrever no interior do cartão e de endereçar o envelope, o homem sacou da carteira. — É muito amável da sua parte. E a minha mãe vai adorar. Bem, quanto lhe devo?

Cressida observou da janela os dois descerem a rua principal, entrarem no *Volvo* azul-escuro e partirem. O cartão que o pai de Donny tinha escolhido estava à venda por quatro libras, mas, envergonhada por o ter praticamente raptado e arrastado até sua casa, ela tinha pedido duas libras. E, para cúmulo, ela tinha de fornecer o selo de primeira classe e de se deslocar à estação dos correios.

Convenhamos, ela nunca teria de se preocupar com a eventualidade de se transformar numa grande magnata e ser obrigada a ir viver num paraíso fiscal.

Contudo, ele parecera-lhe um bom homem. Mesmo que ela nem sequer tivesse descoberto o seu nome. Tudo o que ela sabia é que a mãe dele era a Sra. E. Turner, que vivia em Sussex e que no dia seguinte completaria setenta anos.

Oh, e que o neto era um fedelho mimado e mal-humorado.

Ao vislumbrar a própria imagem refletida na janela, Cressida reparou que o cabelo estava outra vez a querer imitar o de Worzel Gummidge. Depois de localizar umas travessas malhadas de amarelo e castanho dentro do bolso da saia, ela torceu-o e prendeu-o longe da cara. De seguida, arregaçou as mangas da camisa branca e sentou-se para compor o cartão da Sra. E. Turner. Não podia deixar de o colocar no correio.

Capítulo 7

A campainha da porta soou naquela noite às sete horas. A comer galinha *Madrás* em cima de um tabuleiro em frente do televisor, Cressida calculou que se tratasse de Lottie para tomarem um copo e conversarem.

— Oh! — Horrivelmente consciente de que o seu hálito devia tresandar a caril, ela deu um surpreendido passo atrás quando viu que não era, de todo, Lottie.

— Você cobrou-me a menos hoje de manhã. E eu não tive oportunidade de me apresentar. — O filho da Sra. E. Turner estava à sua porta, queimado pelo sol, a sorrir e envergando uma camisa azul. Trazia também um ramo de frésias na mão envolto em celofane. — Tom Turner.

Desde que sofrera um incidente traumatizante na adolescência («Oh, que lindas, são para mim?» «Não, são para a sepultura da minha avó»), que a visão de homens com flores na mão provocava um miniatuque de pânico em Cressida. Atrapalhada, ela disse: — Tom, que bom revê-lo. Sou Cressida Forbes.

Tom Turner inclinou a cabeça. — Eu já sei isso.

— Credo, claro que sim! Tinha-me esquecido. Hum... eu enviei o cartão da sua mãe.

Ele estava já a sorrir. — Eu também sabia que você faria isso. Você tem uma cara honesta.

Cressida não sabia se a cara era honesta. Mas estava, certamente, encarnada. Ainda a tentar desesperadamente não olhar para as frésias, disse: — Talvez não seja altura de lhe dizer que assalto bancos.

— Tome. — Finalmente, ele estendeu-lhe o ramo de flores embrulhadas. — Pensei que era capaz de gostar destas. É o meu modo de lhe agradecer por me ter ajudado hoje de manhã.

— Oh. Caramba! — A fingir que tinha acabado de reparar nelas, Cressida pegou nas frésias e inalou entusiasticamente o seu perfume. — São lindas. Muito obrigada. Não precisava mesmo de ter feito isto.

— Como eu já disse, você cobrou-me a menos. Eu vi os preços no seu *website*. — Tom sorriu. — Também lhe queria pedir desculpa pelo comportamento do Donny. Ele não estava no seu dia mais simpático.

Com toda a certeza! Espreitando por cima do ombro de Tom, Cressida disse: — Bem, ele está naquela idade. Ele está à espera no carro?

— Não. Deixei-o no chalé, agarrado ao *GameBoy*.

Seguiu-se uma pausa. Tom continuava ali parado, sem mostrar intenção de se ir embora. Consciente de que deveria estar com hálito de caril, mas ansiosa por quebrar o desconfortável silêncio, Cressida disse alegremente: — Então, apanhou alguma coisa?

Tom fez um ar de espanto. — Desculpe?

Oh, maravilha, agora ele pensava que ela estava a questioná-lo acerca de doenças sexualmente transmissíveis. — Você ia pescar — disse Cressida depressa. — Estava a perguntar se apanhou algum peixe.

— Ah, claro, desculpe. Sim, sim, conseguimos...

— Entre para beber alguma coisa! — Pelo canto do olho, Cressida tinha vislumbrado Ted, da loja da aldeia, a descer vagarosamente a rua principal em direção a eles, a caminho do Flying Pheasant para as habituais seis canecas de *Guinness* e para se queixar do estado do país, de os malditos supermercados estarem a dominar o mundo e daquele bando tolo de amadores que se autointitula de equipa inglesa de críquete.

Cressida ficou espantada quando se apercebeu de que, mesmo sem pensar no assunto, tinha estendido a mão, puxado abruptamente Tom para dentro do hall de entrada e fechado violentamente a porta de casa.

Mas algo lhe dizia que ele não se tinha importado muito.

Divertido, ele disse: — Pensei que nunca mais perguntava.

— Desculpe. O Ted, da loja. Venha. — Abrindo as janelas da cozinha e deitando fora a embalagem de plástico onde estivera a galinha *Madras* para micro-ondas (pelo menos ela tinha-se dado ao trabalho de despejar a comida num prato depois de a ter aquecido), Cressida disse: — Desculpe o cheiro a caril. Bem, deixe-me colocar as flores num recipiente. Chá, café ou copo de vinho?

Tom olhou para as frésias que ela estava animadamente a desembrilhar. — Acho que são capazes de preferir água.

— Ok. — Cressida anuiu com a cabeça ao constatar que tinha estado de novo a tagarelar. — Água para as flores. E, para nós, o vinho. Mas é dos baratos, lamento.

Tom sorriu. — Pare de se desculpar.

Sentaram-se lá fora no pátio e Cressida ficou a saber que Tom e o filho eram de Newcastle e que estavam hospedados num dos Chalés de Férias de Freddie. Estavam no terceiro dia de umas férias de duas semanas

e planeavam fazer muitas mais pescarias. Naquela tarde, tinham apanhado seis trutas e cinco percas.

— O que deixou o Donny feliz da vida — disse Tom. — Acho que foi mais um motivo para eu querer revê-la. Para lhe dizer que o Donny não é sempre antipático como foi esta manhã. Ele até é um bom menino. Os últimos dois anos têm sido difíceis para ele.

— Você divorciou-se? — Era quase uma certeza; pai e filho de férias sozinhos. Não havia aliança de casamento à vista.

Tom anuiu com a cabeça. — A minha mulher fugiu com outro.

— Oh, meu Deus. Lamento imenso.

Ele respondeu com um encolhimento de ombros. — O Donny ficou bastante afetado. Não fazíamos ideia. Ela saiu simplesmente numa manhã e pronto. Deixou um bilhete, nem sequer se despediu. Agora está a viver em Norfolk com o companheiro. Pobre Donny, agora somos só nós os dois. Eu faço o máximo que posso e desenrascamo-nos. Mas não é o mesmo, pois não?

— Não é o mesmo. — Cressida acenou concordantemente com a cabeça, sentindo-se pessimamente por ter concluído antes que Donny estaria a precisar de uma palmada. Ela estava solidária com o homem sentado à sua frente. — Mas também deve ter sido terrível para si.

— O que posso eu dizer? — Tom abanou a cabeça. — Temos de seguir com a nossa vida, de nos recompormos. Eu estou com quarenta e dois anos e sou pai solteiro. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer, mas aconteceu. Céus, olhem para mim! — Ele fez uma careta e depois sorriu. — Agora é a minha vez de pedir desculpa. Que animação! Vamos mudar de assunto, está bem? Fale-me antes de si.

Cressida sentiu algo agitar-se no âmago do seu estômago. Ele era um sujeito simpático, com um rosto simpático e uma atitude descontraída. Ela tinha-o escolhido inadvertidamente naquela manhã na loja de Ted e agora ali estava ele, a beber vinho no seu pátio e a pedir-lhe que lhe falasse de si. Nas desastrosas experiências que tinha tido com os homens, eles tinham estado invariavelmente muito mais interessados em falar deles próprios.

Mas, pensando bem, ela sempre tinha tido um talento extraordinário para se envolver com membros do sexo oposto impressionantemente egoístas.

Que pena aquele viver em Newcastle-upon-Tyne.

— Bem, tenho trinta e nove anos. E sou divorciada. — Oh, céus, agora parecia um anúncio de alguém à procura de relacionamento. Desdenhando a última informação com um aceno de mão, Cressida disse: — Mas isso já foi há uns anos. E eu adoro viver em Hestacombe e ter o meu pequeno negócio. Tudo começou como um hobby enquanto eu trabalhava como se-

cretária jurídica, mas depois envolvi-me estupidamente com o meu patrão. Claro que, passados alguns meses, tudo acabou em confusão e depois disso as coisas no trabalho ficaram bastante desconfortáveis. — Bastante desconfortáveis era aligeirar muito a coisa, mas Cressida poupou-o aos pormenores deprimentes de como se sentira quando o patrão a deixara para começar a namorar uma cabra de dezanove anos lá do escritório. — Por isso eu demiti-me e decidi experimentar o negócio dos cartões. Os primeiros meses foram assustadores, andei de porta em porta a suplicar a comerciantes para venderem o meu trabalho, mas o negócio começou a descolar gradualmente. E agora... bem, está ótimo. Nunca serei rica, mas consigo sobreviver e o horário é flexível. Se me apetecer tirar um dia para ir fazer bungee-jumping, posso fazê-lo. Outras vezes, posso ficar acordada a noite toda a fazer cinquenta convites de casamento ou anúncios de nascimento. Nunca se sabe o que nos vão pedir para fazer em seguida, e eu adoro isso.

Pronto, isso era alegre e positivo, não era? Agora Tom já não podia pensar que ela era uma nulidade. Ela parecia livre e aventureira, espontânea e impulsiva...

— Bungee-jumping?

— Porque não? — Ainda a sentir-se maravilhosamente livre e aventureira (possivelmente seria responsabilidade do vinho), Cressida fez um sorriso deslumbrante e sacudiu descontraidamente o cabelo do rosto. *Click-click-clung*, fizeram as travessas malhadas de amarelo e castanho, que saíram disparadas do cabelo, bateram nas costas da cadeira e caíram no chão do pátio. — Ok. — Cressida desistiu; decididamente, não tinha sido feita para ser livre e aventureira. — Bungee-jumping, talvez não. Mas se me apetecer, posso tirar um dia e ir às compras.

— Não há nada de errado com isso. — Tom anuiu em concordância. — Para a minha ex-mulher, uma semana sem sapatos novos era uma semana desperdiçada.

— Ela era muito glamorosa? — Cressida sempre quisera ser glamorosa, mas sabia que isso nunca iria acontecer. O *glamour* era algo que a ultrapassava. Por mais vezes que tivesse saído determinada a comprar algo de bom corte e chique, parecia que acabava sempre por se sentir inexoravelmente atraída para longas saias aciganadas, camisas de algodão ondulado, rematadas a veludo e renda, e casacos bordados.

— Glamorosa? Não particularmente. — Tom refletiu no assunto. — A Angie gostava apenas de ter bastante quantidade de tudo em todas as cores. Mas estava sempre elegante. Bem, — acrescentou ele, — atrevo-me a dizer que ainda é.

Outra coisa que eu nunca serei, pensou Cressida. Elegância implicava estar-se familiarizada com o ferro de engomar, e ela não estava. Poderia

um homem, que tinha sido casado com uma mulher elegante, interessar-se algum dia por alguém que não tinha tábua de engomar?

Oh, céus, agora estava, decididamente, a entusiasmar-se demasiado. O pobre só tinha passado por lá para lhe agradecer a ajuda.

— Não que o Donny gostasse disso — continuou Tom com descontração. — A Angie estava sempre a tentar vesti-lo elegantemente também, mas ele só gostava de usar sweatshirts esburacadas e calças camufladas. Hoje em dia, eu deixo-o usar o que ele gosta. Os miúdos têm ideias muito próprias sobre a sua aparência, não têm? Você deve achar o mesmo.

— Bem, hum...

— Desculpe. — Vendo que ela tinha sido apanhada de surpresa, Tom disse: — Não pude deixar de reparar nas fotografias consigo e a sua filha, que estão na cozinha. Foi assim que tive a certeza que iria compreender o Donny, já que também é mãe solteira.

Ela só precisava de ter menorizado a afirmação com uma gargalhada. Contudo, e ridiculamente, Cressida sentiu uma onda de orgulho misturado com tristeza, porque a dor podia estar escondida, mas nunca desaparecia por completo. As palavras pareciam estar presas na garganta e ela só conseguiu beber mais um gole de vinho.

— Como se chama ela? — perguntou Tom.

Isso ela era capaz de dizer: — Jojo.

— Jojo. — Ele anuiu com a cabeça. — E ela tem quê? Mais ou menos a mesma idade do Donny?

Não era nada de complicado. Ela não precisava de lhe contar a história toda. Caramba, ela podia nunca mais voltar a vê-lo depois daquela noite.

— A Jojo tem doze anos. E eu adoro-a. — Obrigando-se a sorrir, consciente da aspereza das pedras do pavimento aquecido pelo sol debaixo dos pés descalços, Cressida disse: — Mas não é minha filha. Eu tomo é conta dela muitas vezes.

Capítulo 8

Tyler Klein viu-as na manhã seguinte, quando chegava de carro a Hestacombe. Duas crianças, a saírem de uma casa moderna nos arredores da aldeia, vestidas de calções, t-shirts e bonés. Ele não podia garantir que fossem as mesmas, mas depressa iria descobrir. Tyler travou e parou o carro ao lado delas.

O calor atingiu-o assim que saiu do carro alugado com ar condicionado. O brilho de reconhecimento nos olhos delas disse a Tyler tudo o que precisava de saber. Uma tinha cabelo mais comprido que a outra, mas ele tinha estado certo quanto a tratarem-se de dois rapazes.

— Olá. — Tyler sorriu com facilidade. — Foram vocês os dois que eu vi há alguns dias ao pé do lago?

Eles olharam cautelosamente para ele. Finalmente, o mais alto disse: — Não.

— Têm a certeza? A fugirem com a roupa de outra pessoa?

— Não éramos nós.

— Olhem. Prometo que não vão ter qualquer problema. Eu só preciso de saber a verdade.

O rapaz mais novo disse seriamente: — Não roubámos roupa nenhuma.

Déjà vu. Mas desta vez, Tyler sabia que estava certo.

— Muito bem. Bom, há testes que podem ser feitos para descobrir quem foi. ADN — disse Tyler. — Impressões digitais.

Atrás dos rapazes, a mãe tinha aparecido à porta de casa, jovem e roliça, e carregando um bebé ainda mais roliço sobre a anca. Ela observou impávida o filho mais novo dizer apressadamente: — Mas não roubámos, ela ficou com a roupa! Nós atirámos as coisas por cima do muro para o quintal.

— Eu sei. — Tyler anuiu com a cabeça. — Mas obrigado pela confirmação.

— Ai! — gritou o menino quando o irmão o acotovelou dolorosamente nas costelas.

— Seu grande estúpido! Disseste-lhe.

— Isso doeu!

Ao cruzar o olhar da mãe dos rapazes, Tyler disse: — Desculpe.

— Não tem de se desculpar. São uns pestinhas, eu já lhes digo como é. Que roupa é que eles roubaram?

Tyler abanou a cabeça. — Não importa.

— Para si, talvez não, mas para mim importa. Harry, Ben, venham para casa. — No momento em que os rapazes passavam pela mãe, com o bebê gorducho a observar placidamente, ela deu um puxão de orelhas a cada um. Agarrado à orelha, o mais velho dos dois virou-se e olhou furiosamente para Tyler antes de desaparecer dentro do hall.

Tyler constatou que, para a população de Hestacombe com idade inferior a onze anos, ele era, sem dúvida, o inimigo público número um.

Boa maneira de começar.

Lottie estava a trabalhar afincadamente ao computador do escritório quando ouviu o ruído de pneus a esmagar cascalho anunciando a chegada de Tyler Klein. Satisfeita por interromper o processamento de reservas, pegou na garrafa de *Orangina* e foi lá fora recebê-lo.

— Então hoje resolveu não vestir o fato. — Encostada à porta aberta do anexo, mesmo do outro lado do caminho de entrada da Hestacombe House, viu-o sair do carro. Ele tinha vestido uma camisa cor-de-rosa listrada e umas calças de ganga desbotadas e não havia como negar que, no que dizia respeito a novos patrões, ele era mesmo muito atraente.

O que podia ser fantástico, ou podia acabar por revelar-se um autêntico desastre. Só o tempo diria.

— Eu odeio fatos. Tive de os usar durante os últimos doze anos. — Os olhos escuros de Tyler Klein cintilaram quando ele apertou a mão a Lottie. — A partir de agora, se me vir de fato, pode ter a certeza que estou a caminho de um casamento ou de um funeral.

Lottie estremeceu ao ouvir a palavra funeral. A culpa não era dele; ele não sabia que Freddie estava doente. O aperto de mão dele foi firme, mas não de modo a esmagar-lhe os nós dos dedos. E lá estava de novo aquele aftershave que a fazia desejar continuar a inspirá-lo, mesmo quando os pulmões já diziam que estava na hora de expirar.

— Então, parece que vamos trabalhar juntos. O Freddie vai passar o dia a Cheltenham, mas disse-me que você queria ver como as coisas funcionam por aqui. — Lottie olhou para o relógio. — O Chalé do Professor está a ser limpo antes da chegada dos próximos hóspedes. Quer que lhe mostre o que fazemos para o preparar?

Tyler encolheu os ombros e anuiu com a cabeça. — Você é que manda. Vamos embora.

— Na verdade, você é que manda. — Lottie fechou a porta do escritório atrás dela. — E só espero que não me despeça.

O Chalé do Professor era um imóvel de interesse histórico ou arquitetônico, de quatro quartos, inserido no seu próprio jardim mágico. Lottie apresentou Tyler a Liz, a empregada de limpeza, quando esta estava de saída, e depois mostrou-lhe o chalé.

— Deixamos comida fresca no frigorífico. E um bolo caseiro em cima da mesa da cozinha para dar as boas-vindas aos novos hóspedes. Flores frescas na sala de estar e nos quartos. As revistas e os livros estão sempre a desaparecer, por isso substituímo-los regularmente.

— Por falar em desaparecer, acho que lhe devo um pedido de desculpas. — Tyler fez uma careta. — Descobri quem fugiu com a sua roupa.

— Não se preocupe com isso. Finalmente acreditei neles. — Enquanto falava, Lottie estava atarefada a endireitar quadros nas paredes, a sacudir almofadas e a reposicionar a mesinha de centro. Os quadros já estavam direitos e as almofadas sacudidas, mas não fazia mal em mostrar ao novo patrão o quão eficiente e trabalhadora era. — Quem foi?

— Dois meninos. — Tyler não ia dizer-lhe os nomes. — Não vão tornar a fazer.

— Então foram o Ben e o Harry Jenkins. — Divertida com a expressão na cara dele, Lottie disse: — Não estamos em Nova Iorque. Toda a gente se conhece. A mãe deles ajuda aqui às vezes a fazer a limpeza. Posso fazer-lhe uma pergunta?

Tyler abriu as mãos. — O que quiser.

— Vai mesmo morar aqui e gerir pessoalmente o negócio, ou vai dar um salto até cá, de vez em quando, para vigiar o seu investimento?

— Morar aqui e gerir o negócio. — Mantendo um ar sério, evidentemente divertido com a expressão pouco familiar, Tyler disse: — De onde é que eu daria o salto?

— Não sei. Londres, suponho. Ou Nova Iorque. Você trabalha na banca. — Lottie ainda não tinha sido capaz de perceber. — É uma mudança um pouco drástica, não é? Pensei que ia continuar com o seu trabalho e que iria fazer isto como hobby nos seus dias de folga.

— Porque não acha que eu seria capaz de fazer isto a tempo inteiro?

— Porque não vai ser tão lucrativo como ser um homem ambicioso do mundo financeiro, que negocia na Bolsa de Valores, transaciona milhares de ações e compra companhias e coisas dessas. — Ciente de que o seu conhecimento no que tocava o mercado financeiro era, no mínimo, ténue, Lottie baixou-se rapidamente para endireitar, uma vez mais, as revistas em cima da mesinha de centro. — E se é suficientemente rico para poder

comprar todas estas casas de férias, não será um pouco estranho morar no Chalé da Raposa? Isto é, o senhor deve estar habituado a muito melhor, um apartamento de último andar com vista para o Central Park, ou algo do estilo. E trabalhar aqui não vai ser, de todo, aquilo a que está habituado. — Lottie sentiu-se na obrigação de o alertar. — O que fará quando um hóspede lhe telefonar às três da manhã para lhe dizer que rebentou um cano e que está a cair água do teto? Ou que um dos canos de esgoto está entupido? Ou que acabou de encontrar um rato na cozinha? Entende? Como vai lidar com coisas dessas?

— Ok, ok. — Tyler levantou as duas mãos. — O problema em fazer-se milhões de perguntas, é que é preciso parar-se ocasionalmente para deixar as pessoas responderem.

— Desculpe, sou muito intrometida. E falo de mais. — Para provar que, apesar disso, era uma empregada exemplar, Lottie ajustou o arranjo floral sobre a mesa, puxando as ervilhas-de-cheiro e reorganizando habilmente os fetos.

— E você acha que eu sou algum banqueiro idiota que não sabe distinguir uma chave inglesa de um desentupidor. Olhe, deixe essas flores em paz, o Freddie já me disse que você era indispensável. — Seguindo à frente até à cozinha, Tyler começou a inspecionar rapidamente os armários. — Mas não sou assim tão inútil. E também não tenho medo do árduo trabalho físico. Nem de ratos. Mas se houver alguma emergência que eu não consiga resolver sozinho, farei o que qualquer pessoa normal faria e chamarei um perito.

Tê-lo-ia ela ofendido ao sugerir, mais ou menos, que ele não estava à altura do trabalho?

— Eu não estava a pensar que você fosse um banqueiro idiota cheio de não-me-toques — protestou Lottie. — Estava só a perguntar-me por que motivo já não quer ser banqueiro.

Depois de ter examinado minuciosamente a cozinha, Tyler encostou-se ao balcão de granito, com as mãos descontraidamente enfiadas nos bolsos das calças de ganga.

— Ok. Deixe-me dizer-lhe como é. Estamos a falar de um estilo de vida altamente stressante. Levantar todos os dias às cinco da manhã, ir ao ginásio antes do trabalho e passar doze horas no escritório. Reuniões sem paragens, rivais no negócio a apunhalarem-nos pelas costas, ter de tomar decisões que podem impulsionar ou destruir os negócios de outrem; até mesmo as suas vidas. Depois interrogarmo-nos se tomámos a decisão certa, e lidar com as repercussões quando tudo corre mal. Domina a nossa vida, garanto-lhe. Uma pessoa pensa que está a lidar bem com a pressão, mas não está. Nada interessa, a não ser o próximo negócio, o próximo mi-

lhão. Transformamo-nos em máquinas. — Ele fez uma pausa e depois disse terminantemente: — E isto pode acabar por nos matar.

A expressão nos olhos escuros de Tyler era sombria. *Oh, Jesus*, pensou Lottie, *você também, não.*

Capítulo 9

— Quer que eu lhe diga o que aconteceu? — perguntou Tyler.
Lottie anuiu silenciosamente com a cabeça.

— Matou o meu melhor amigo.

Oh. Então tudo bem. Não exatamente bem, obviamente...

— Ele chamava-se Curtis Segal — continuou Tyler. — Conhecíamos-nos desde os seis anos de idade, crescemos na mesma rua. Éramos mais chegados do que irmãos. Durante as férias da faculdade, trabalhávamos juntos numa fazenda no Wyoming. Quando terminámos a faculdade, acabámos por enveredar pelo mesmo negócio. O Curtis estava em maré de sorte, conseguia promoção atrás de promoção na instituição bancária onde trabalhava, juntava dinheiro e nunca dormia o suficiente. Mas era um tipo em forma. Quando estamos na casa dos trinta, nunca pensamos que algo de mal pode acontecer, não é? Até que um dia o Curtis teve uma apresentação importantíssima; não a mais relevante que já tinha tido, mas, ainda assim, bastante importante. E, cinco minutos antes da hora prevista para o início da apresentação, ele disse à secretária que estava a sentir uma dor no braço esquerdo. Ela quis chamar o médico da instituição bancária para o examinar, mas o Curtis não deixou porque estava toda a gente na sala da diretoria à espera que ele fizesse a tão importante apresentação.

Silêncio. Tyler continuava encostado ao balcão da cozinha, perdido em pensamentos. Finalmente, continuou: — Então ele seguiu adiante com a apresentação. Bem, metade desta. Teve um colapso e morreu, ali mesmo no chão da sala da diretoria. Os paramédicos tentaram reanimá-lo durante quarenta minutos, mas não serviu de nada. Ele morreu. E adivinhe o que aconteceu em seguida?

— O quê? — perguntou Lottie.

— A instituição bancária onde ele trabalhava perdeu a conta. Os outros tipos decidiram que não queriam fazer negócio com o tipo de banco onde os principais executivos caíam para o lado e morriam aos seus pés. Sabe que mais?

— O quê?

— O diretor-geral nem sequer foi ao funeral. Tinha outros potenciais clientes para levar a jantar em Long Island. Potenciais clientes muito importantes, claro. Ele não trocaria o funeral do Curtis por qualquer tipo de cliente. E, como ele próprio salientou quando falei com ele depois, ele tinha enviado uma coroa no valor de três mil dólares.

Tyler semicerrou os olhos com repúdio. Lottie estava solidária com Tyler. Mas como não podia propriamente abraçar-se a ele, disse: — Quando foi que isso aconteceu?

— Há cinco meses. Foi nessa altura que eu me apercebi de que podia ter sido eu. Melhor, que podia ser eu a seguir. E tomei a minha decisão num ápice. — Tyler estalou os dedos. — No dia a seguir ao funeral do Curtis, apresentei a minha demissão. Toda a gente me disse que eu era doido. Mas eu sabia que estava a fazer a coisa certa, a vida tinha de ser mais do que matar-me a trabalhar na Wall Street. Voei até Wyoming, visitei a fazenda onde tinha trabalhado anos antes e pensei em voltar a fazer o mesmo. É um lugar incrível; só montanhas, espaços abertos e céu. Mas não era o mesmo sem o Curtis. — Tyler calou-se por instantes. — Então fui visitar os meus pais e eles mostraram-me todas as fotografias das férias. Estão tão apaixonados por este lugar, você não faz ideia. — Ele descontraiu visivelmente. — A minha mãe está sempre a dizer que eu devia vir para Inglaterra, para umas férias prolongadas e ver as vistas.

— Então você acabou por vir até cá e comprar as vistas. A propósito, — acrescentou Lottie, — gosto dos seus pais. São sensacionais.

Tyler anuiu com a cabeça e sorriu. — Completamente estouvados, os dois. Ou agradavelmente excêntricos, como vocês, britânicos, diriam. Mas, sim, resolvi comprar as vistas. Eu sabia que gostava deste país. Há alguns anos, estive aqui a trabalhar na sucursal londrina do nosso banco. Bastante intenso e apenas por seis meses, mas foi o suficiente para eu perceber que aqui era um lugar onde gostaria de viver. Então, há cerca de quinze dias, falei com a minha mãe e ela disse-me que tinham reservado um dos chalés para a próxima Páscoa e comentou por acaso que o Freddie estava a pensar vender o negócio. Dois minutos depois perguntou-me se não seria fantástico se eu o comprasse, porque assim ela e o meu pai podiam vir e ficar de graça.

Quando ele abanou a cabeça com boa disposição, Lottie percebeu o carinho genuíno que ele sentia pela mãe. — Agradeça à sua estrela da sorte ela não estar interessada no Taj Mahal.

— Foi o que eu disse. Perguntei-lhe se ela não preferia que eu comprasse o Blenheim Palace. — Tyler revirou os olhos. — Mas naquela noite eu dei uma olhadela no vosso *website*, por pura curiosidade, e de repente ocorreu-me que podia fazer isso, que podia ser precisamente essa a mudança de que estava a precisar. É um lugar fantástico; os meus pais já tinham

garantido isso. E se o preço fosse justo, não haveria risco. Com imóveis destes... bem, não há hipótese de errar. Foi então que peguei no telefone e liguei para o Freddie. — Fez uma pausa e encolheu os ombros. — Foi há menos de duas semanas. E agora aqui estou. É, sem dúvida, muito melhor que a Wall Street.

Lottie estava maravilhada com a capacidade de Tyler para tomar uma decisão tão drástica e de a levar por diante. Ele tinha comprado oito casas de férias, assim de repente. Ela tinha demorado mais a escolher um novo casaco de inverno.

Em voz alta, ela disse: — Da forma como fala, parece tudo tão fácil. Não teve de ser interrogado pela imigração?

Tyler disse com ironia: — Assim que soube quanto dinheiro eu estava a pensar investir, o Consulado Britânico mal pôde esperar para me conceder o visto.

Credo, ele devia ser podre de rico. E se, alguns anos depois, ele se fartsasse, provavelmente venderia o negócio e avançaria para outra coisa. Talvez, a seguir, experimentasse fazer criação de ovelhas na Austrália.

Curiosa, Lottie perguntou: — Tem a certeza que o Chalé da Raposa está bem para si?

— Eh, não sou nenhum não-me-toques. — Claramente, Tyler considerava hilariante a expressão pouco familiar. — Além disso, é apenas por alguns meses. Posso lidar com isso.

Então, alguns meses. O desapontamento abateu-se sobre Lottie como um lençol sobre a gaiola de um papagaio. Ela obrigou-se a reagir. — E depois?

— O Freddie não lhe disse? Ele está a planear mudar-se da Hestacombe House depois do Natal. Se eu estiver interessado, posso comprar-lha nessa altura.

Desta vez, o coração de Lottie caiu-lhe aos pés. Ela ainda não tinha conseguido aceitar a ideia de que Freddie estava a morrer. A planear *mudar-se*.

— Você não parece exatamente encantada — comentou Tyler.

— Não, não é isso. — Ele não sabia; ele não sabia e ela não podia dizer-lhe. — É que eu não...

Lottie foi poupada de maior constrangimento pelo som de um carro a parar lá fora. Aliviada, olhou para o relógio. — Oh, deve ser a família Harrison.

Tyler seguiu-a descontraidamente até ao exterior do chalé. As portas de uma carrinha bordeaux abriram-se e Glynis e Duncan Harrison e mais os seus cinco filhos barulhentos saltaram do interior.

— Ali está ela, à espera para nos dar as boas-vindas! — exclamou

Glynis, encantada. Há dez anos que a família Harrison ia passar férias ao Chalé do Professor. — Olá, Lottie adorada, estás com ótimo aspeto! — Ela envolveu Lottie num poderoso abraço com aroma a violetas. — Oh, é tão bom estar de volta!

— É um prazer ter-vos de volta. — Lottie estava a ser sincera; ela tinha-se apegado a muitos dos seus clientes. — A viagem foi boa?

— Trabalhos na estrada na M5 e os miúdos a tentarem matar-se nos bancos de trás, mas já estamos habituados a isso. E quem é este? — Soltando Lottie para poder dar uma boa vista de olhos a Tyler, Glynis disse: — Arranjaste finalmente um novo namorado, querida? Bem, bom trabalho! — Ansiosa por ser apresentada, esticou a mão e sorriu abertamente perante Tyler. — Eu estava mesmo a dizer ao Duncan no caminho para cá, não estava, Duncan?, que já estava na hora da Lottie arranjar um jovem simpático.

Lottie abriu a boca para explicar, mas Tyler foi mais rápido. Depois de cumprimentar Glynis com um caloroso aperto de mão e um sorriso malicioso, disse: — Tyler Klein. É um prazer conhecê-la. E não podia concordar mais consigo no que diz respeito à Lottie. Está seguramente na hora de ela encontrar o homem certo.

Capítulo 10

Cressida estava a preparar um banho quando o telemóvel se lançou na sua alegre melodia. Depois de o localizar debaixo da pilha de roupa que tinha acabado de despir, voltou para a casa de banho para escolher que espuma de banho queria acrescentar à água corrente.

— Cressida? Olá, é a Sacha.

— Oi, Sacha. Como estás? — Como se ela não soubesse já a resposta a essa pergunta.

— Oh, muito ocupada. A correr de um lado para o outro, como de costume. Que barulho de fundo é esse?

— Estou a preparar um banho. — Cressida esticou a mão e escolheu um frasco de *Florentyna* da Marks & Spencer e verteu uma quantidade generosa debaixo das torneiras. Depois mais um bocadinho, para jogar pelo seguro.

— Sortuda! A tomar um agradável banho relaxante às cinco horas da tarde! — exclamou Sacha. — Quem me dera poder fazer isso. Agora escuta, o Robert está preso numa reunião em Bristol e eu estou cheia de clientes até às orelhas. Só Deus sabe a que horas vamos conseguir despachar-nos. A Jojo pode ir para tua casa?

Não era a primeira vez que Sacha fazia esse pedido. Nem sequer a tricentésima vez. Sacha parecia passar a vida a ondular num mar de clientes, apenas com a metade superior da cabeça visível — embora, naturalmente, o perfeito cabelo louro permanecesse imaculado.

— Claro. — Cressida fez girar a água do banho com a mão livre, criando espuma. — Tudo bem. Eu dou-lhe alguma coisa para comer e mais tarde ela pode ajudar-me no jardim. A que horas virás buscá-la?

— Bem, a questão é que eu estou a ser pressionada para levar novos clientes a jantar fora, por isso não sei a que horas isto vai parar. E o Robert acha que é capaz de não chegar antes da meia-noite, por isso...

— E se a Jojo passasse a noite comigo? Seria mais fácil? — Cressida perguntou-se o que faria Sacha se lhe dissesse que não ia poder ficar com Jojo. Um dia tinha de experimentar, para ver o que acontecia. Sacha prefe-

ria cortar os próprios braços do que perder a oportunidade de galantear os seus preciosos clientes e fazer mais uma venda espetacular.

Na verdade, podia ser divertido.

— Cress, és uma estrela! — Como já tinha conseguido o que queria, Sacha colocou a sua voz de «estou-com-tanta-prensa». — Que bom! Vou ligar à Jojo para a avisar. Bem, isto aqui está um caos, por isso...

— É melhor voltares para os teus clientes — disse Cressida de modo prestável.

— Tenho mesmo de ir. E tu podes voltar para o teu banho! *Ciao!*

Cressida desligou o telefone. Seria apenas ela, ou as outras pessoas também iam aos arames com o modo irritante com que Sacha gorjeava *Ciao!* no fim de todas as conversas telefónicas? Que diabo se passava na cabeça de uma mulher, que tinha nascido e crescido em Bootle, para dizer *Ciao?* Talvez fosse algo incutido nos cursos de formação para uma pessoa se tornar uma vendedora de fotocopiadoras bem-sucedida e ambiciosa.

Bem, mas o que interessava isso? Pelo menos ia ficar com Jojo naquela noite. Cressida seria capaz de aturar todos os *Ciaos* que Sacha resolvesse atirar-lhe só para isso.

Deitada na banheira, Cressida passou levemente a mão sobre a cicatriz prateada que lhe atravessava a barriga. Quão diferente poderia ter sido a sua vida se aquela cicatriz nunca tivesse precisado de ser feita? Ela fechou os olhos e imaginou-se de novo com vinte e três anos e ainda feliz no seu casamento com Robert. Ambos haviam ficado tão entusiasmados com a perspectiva de um bebé que, embora soubessem que era demasiado cedo, não tinham conseguido resistir a ir a correr comprar artigos para bebé. Tinha sido a tarde de compras mais alegre da vida de Cressida. Ser mãe era tudo o que sempre desejara.

Já em casa, nessa mesma noite, rodeada de babygros, pequenos gorros tricotados, uma alfofa forrada a cetim e um mobile musical que tocava músicas infantis, Cressida tinha começado a sentir as primeiras dores excruciantes na barriga. Ela tinha ido de gatas até ao telefone, petrificada e completamente em pânico, e tentado contactar Robert que fora jogar críquete com a equipa do trabalho. Incapaz de o contactar, tinha estado prestes a marcar o 112 quando a dor se intensificara e tudo ficara escuro. Quando Robert chegara finalmente a casa, às dez da noite, tinha-a encontrado inconsciente e com a respiração bastante fraca no chão da casa de banho. Uma ambulância levava rapidamente Cressida até ao hospital onde tinha sido realizada uma cirurgia de emergência para lhe salvar a vida. A gravidez tinha sido ectópica e a trompa de Falópio rebentara. A hemorragia tinha sido tão grave, que a única opção havia sido histerec-tomia total.

Quando Cressida acordara e vira Robert a chorar silenciosamente ao lado da sua cama, percebera que a sua vida tinha acabado. O filho há tanto desejado tinha morrido e, junto com ele, qualquer hipótese de ser mãe.

Cressida teve também vontade de morrer. Tinham tentado o destino e o destino tinha-se sentido tentado. Teria o mesmo acontecido se não tivessem comprado todas aquelas coisas para o bebé?

Era uma possibilidade demasiado horrenda para contemplar. Quanto mais as pessoas lhe diziam que, obviamente, não tinha sido culpa sua, menos Cressida acreditava nelas. Entregue a recriminações e ao sofrimento, caíra numa depressão tão profunda que era como se toda a felicidade tivesse sido sugada do mundo. Estava presa no fundo de um poço de parede negra e escorregadia. Ninguém conseguia fazê-la sentir-se melhor porque não existia nada que pudesse fazê-la sentir-se melhor. As pessoas falavam encorajadoramente de adoção, mas Cressida não estava preparada para as ouvir. Aonde quer que fosse, via mulheres grávidas a exibirem orgulhosamente as suas barrigas, pais a passearem com os filhos, mães com bebés recém-nascidos ao colo e pais a jogarem animados jogos de futebol com os filhos.

De vez em quando via donas de casa com os nervos em franja a perderem as estribeiras e a gritarem com os filhos pequenos. Era nessas alturas que a dor excruciante se fazia sentir de novo na barriga de Cressida e ela tinha de se afastar rapidamente para não fazer alguma estupidez.

Mas, pelo menos, como toda a gente constantemente lhe dizia, ela e Robert ainda se tinham um ao outro. O casamento dos dois era sólido como uma rocha. Juntos, iriam ganhar força e ultrapassar tudo aquilo.

De facto, o casamento deles era tão sólido como uma rocha que, onze meses depois da noite em que as suas vidas haviam mudado para sempre, Robert mudou-as de novo e saiu da casa com vista para a praça da aldeia de Hestacombe. Disse a Cressida que queria o divórcio e Cressida concordou. Em comparação com a perda do bebé, perder Robert não teve qualquer importância. Mal se fez sentir na sua escala de dor. Além disso, como podia ela censurá-lo? Por que motivo um homem saudável e no seu perfeito juízo iria querer ficar casado com uma mulher de vinte e quatro anos sem útero?

Se fosse fisicamente possível divorciar-se de si própria, ela também o teria feito.

Isso não significava que não tivesse ficado magoada com a ação seguinte de Robert. Mas os homens eram inconstantes. Depois de se ter mudado para um apartamento alugado em Cheltenham, ele tinha embarcado num romance escaldante com uma jovem delegada de vendas extremamente ambiciosa, de seu nome Sacha, que tinha acabado de chegar de Liverpool para ingressar na empresa. O divórcio de Cressida e Robert se-

guiu os seus trâmites e, quatro meses depois, Robert e Sacha estavam casados. Seis meses depois disso, Robert apareceu certo dia à porta de Cressida para lhe dizer que ele e Sacha tinham acabado de fazer uma proposta de compra de uma das casas do novo conjunto habitacional no perímetro da aldeia. Apanhada de surpresa, Cressida havia dito: — O quê? Nesta aldeia?!

— Porque não?

— Mas porquê?!

— Cress, o meu apartamento é demasiado pequeno. Precisamos de um sítio com mais espaço. Eu gosto de Hestacombe e esta casa nova é perfeita. Ok, nós estamos divorciados. — Robert encolheu os ombros e disse com sensatez: — Mas podemos ser civilizados um com o outro, não podemos?

Com um aperto no coração, Cressida tinha respondido: — Acho que sim. Desculpa. Sim, claro que podemos. — Ela sentia-se envergonhada. Robert também tinha sofrido a mesma dura prova. Ela devia sentir-se satisfeita por ao menos um dos dois estar a conseguir reconstruir a vida.

Robert tinha feito um ar aliviado. Depois dissera: — Oh, e acho que devo dizer-te que a Sacha está grávida. É mais um motivo para a mudança, para termos espaço para o bebé e uma *au pair*.

Cressida tivera a sensação de ter sido mergulhada numa cuba de gelo seco. A língua ficara colada ao céu da boca, mas ela conseguira gaguejar: — C-Céus! P-Parabéns.

— Bem, não foi exatamente planeado. — O tom de Robert tinha sido de desânimo. — A Sacha queria mesmo concentrar-se na carreira nos próximos anos, mas estas coisas acontecem. Tenho a certeza que ela vai conseguir lidar com isto. Como a Sacha está sempre a dizer, as mulheres de hoje em dia conseguem ter tudo, não conseguem?

Tinha sido como se ele estivesse a apunhalá-la, sem parar, com uma enorme lâmina reluzente. Lutando para respirar, Cressida conseguira, de alguma forma, fixar um sorriso no rosto. — Com certeza. Ter tudo é o que está a dar.

Punhalada. Punhalada.

Como se se tivesse apercebido de que não tinha sido muito subtil, Robert enfiara as mãos nos bolsos e dissera numa atitude defensiva: — Desculpa, mas não podes estar à espera que eu morra sem ter filhos só por causa do que te aconteceu.

Te aconteceu, reparou Cressida. Não *nos aconteceu*.

— Não estou à espera que faças isso.

— Conheci outra pessoa. Vamos ter um filho. Não me faças sentir culpado, Cress. Tu sabes o quanto eu queria formar uma família.

Ela anuíra com a cabeça, desejando que ele se fosse embora. Desesperadamente necessitada de ficar a sós. — Sei, sim. Ok, estou b-bem.

Aliviado, Robert havia dito: — Que bom. Então, é isso. A vida continua.

Deitada na banheira, Cressida examinou as unhas dos pés pintadas de rosa-alaranjado e agitou-as. A vida tinha, de facto, continuado. Ela tinha-se embrenhado no trabalho como secretária jurídica e nos tempos livres tinha redecorado a casa toda porque qualquer forma de atividade era melhor do que ficar parada a pensar na família que havia perdido.

Cinco meses depois, ela soubera que Sacha tinha dado à luz uma menina de três quilogramas. Tinha sido um dia complicado. Robert e Sacha deram à filha o nome de Jojo e Cressida enviou-lhes um cartão feito por ela, para os felicitar.

Mais um marco ultrapassado.

Quando Jojo tinha dois meses, tinham contratada uma ama e Sacha regressara ao trabalho. Astrid, que era da Suécia e muito mais obcecada por ar fresco do que Sacha, era vista todos os dias a empurrar Jojo no seu carrinho *Silver Cross* pela aldeia. Ansiosa por aprender inglês, Astrid parava para conversar com toda a gente, e fora assim que Cressida, a chegar do trabalho certa tarde, se vira presa numa conversa acerca do tempo.

— As nuvens, lá em cima no céu, são como maiores almofadas brancas, não acha? — Como lhe haviam dito que todos os Ingleses gostavam de falar sobre o tempo, Astrid iniciava sempre assim as conversas.

— Bem, sim. Como... hum, grandes almofadas brancas. — Cressida estava na altura a tirar um saco de supermercado do carro.

— Mas acho que mais logo pode haver gotas de chuva.

— Chuva, sim, provavelmente.

— Chamo-me Astrid — disse a rapariga com orgulho. — Estou a trabalhar como ama para o Robert e a Sacha Forbes.

Cressida, que já tinha conhecimento disso, por educação, não dissera: «Olá, Astrid, sou Cressida Forbes, a primeira mulher do Robert.» Em vez disso, dissera: — E eu chamo-me Cressida. É um prazer conhecê-la.

Astrid sorri-la, dera meia-volta ao carrinho e dissera animadamente: — Mas não posso esquecer as minhas maneiras! Também tenho de a apresentar à Jojo.

Cressida sustivera a respiração e olhara para a bebé deitada no carrinho. Jojo olhara inescrutavelmente para ela. À espera da familiar pontada na barriga, Cressida ficara aliviada por esta não ter surgido. Ela tinha sentido muito medo de se sentir ressentida pelo facto de aquela bebé não ser sua. Mas agora que ali estava, sabia que não podia ficar ressentida com um bebé de onze semanas de idade.

— Ela é tão linda, não acha? — Astrid falara com orgulho, inclinándose para a frente para fazer cócegas no queixo de Jojo.

— Sim, é. — O coração de Cressida inchara quando, em resposta às cócegas, Jojo fizera um sorriso desdentado.

— E é uma bebé muito boazinha. Estou a gostar muito de tomar conta dela. E a senhora também vai ter filhos?

Lá estava a pontada de novo. Ela sabia que Astrid queria dizer «tem filhos», mas desta vez Cressida não a corrigiu. Agarrando o saco de supermercado contendo a solitária refeição para uma pessoa, um pacote de biscoitos e um único pacote de leite, ela respondera: — Não, não vou ter filhos.

— Ah, bom, deixe estar! — Astrid sorrira-lhe. — Ainda é nova, tem muito tempo para se divertir primeiro, não é? Como eu! Podemos ter os nossos bebés daqui a uns anos, não podemos? Quando nos apetecer!

Durante oito meses, Astrid tinha sido a ama perfeita. Cressida pensara frequentemente mais tarde que tinha devido praticamente toda a sua relação com Jojo a um momento de descuido da parte da mãe de Astrid.

Certa manhã, estava Cressida a sair da loja de Ted, com o jornal e um pacote de *Revels*, quando vira o carro da empresa de Sacha a descer a rua principal na sua direção. Sacha travara a fundo, enfiara a cabeça de fora da janela do condutor e dissera: — Cressida, podes salvar-me a vida?

Ela parecia definitivamente perturbada. Nas breves ocasiões em que se haviam encontrado, Cressida tinha ficado espantada com o ar calmo de extrema eficiência de Sacha. A roupa dela era prática. Até o cabelo — curto e habilmente realçado com madeixas — era eficiente. Em profundo contraste, naquele dia havia nódoas de leite na *sweatshirt* de Sacha e o cabelo estava despenteado. Presa na sua cadeirinha no banco traseiro do carro, Jojo exibia uma t-shirt e uma fralda inchada e estava aos gritos.

— O que se passa? — perguntara Cressida, assustada. — A Jojo está doente?

— A mãe da Astrid está no hospital com fraturas múltiplas. Bateu com o carro ontem à noite contra uma ponte. A Astrid foi à Suécia vê-la e não sabe quando volta porque não há mais ninguém que possa tomar conta do irmão mais novo dela. — À medida que as palavras lhe saíam em turbilhão, o volume do choro de Jojo aumentava. Os nós dos dedos de Sacha empalideceram quando ela agarrou com força o volante. — E o Robert está em Edimburgo, numa maldita ação de formação sobre administração, e daqui a duas horas eu tenho de estar na Reading para tentar conseguir a melhor conta de toda a minha carreira. Se não chego lá a horas, nem sei o que farei...

— Onde vais agora? — interrompera Cressida, porque a voz de Sacha estava numa espiral crescente de histeria.

— Para o Centro de Saúde! Pensei que talvez uma das enfermeiras pudesse tomar conta da Jojo se eu lhe pagasse bem. A não ser que conheças alguém que possa ajudar! Foi por isso que parei, — continuou Sacha a tagarelar descontroladamente, — porque conheces mais gente na aldeia do que eu. Hoje de manhã fui bater à porta de todos os vizinhos da nossa rua, mas ninguém podia ficar com ela. Lembras-te de alguém daqui perto que pudesse tomar conta de um bebé até ao fim do dia?

Como se Jojo fosse o hamster da escola. Boquiaberta, sem saber o que dizer, Cressida fitou Sacha.

— Então?! — perguntou Sacha, cada vez mais fora de si.

— Hum... bem, não.

— Oh, por amor de Deus! — Sacha parecia prestes a desatar a chorar. — Maldita Astrid! O que fiz eu para merecer isto?

Jojo estava a gritar e Sacha estava desorientada.

— A não ser... se calhar podia eu ficar com ela — propôs hesitantemente Cressida. — Se isso ajudar. Isto é, não sou ama qualificada, mas tomei conta de muitos bebés na minha...

— Tu?! — Os olhos de Sacha arregalaram-se com incredulidade.

Cressida, que tinha visto o filme *A Mão que Embala o Berço*, entendia perfeitamente.

— Não, desculpa, foi só uma ideia. Claro que tu não ias querer...

— Oh, meu Deus, estás a brincar?! Não posso crer! Não tens de trabalhar?

Apanhada de surpresa, Cressida respondera: — É o meu dia de folga.

— Mas isso é fantástico! Porque não disseste antes? — Esticando o braço e abrindo a porta do passageiro, Sacha gritou: — Rápido, entra!

E tinha sido assim. Em casa de Sacha e de Robert, Cressida ficara a saber que Jojo só estava a gritar a plenos pulmões porque ainda não tinha comido nem mudado a fralda naquela manhã. Normalmente, explicara Sacha, era uma bebé calma e alegre. Depois de ter tomado um duche e de se ter vestido a uma velocidade superior à da luz, Sacha deixara Cressida com as chaves de casa e uma promessa gritada por cima do ombro de que estaria de volta às seis.

Obviamente, nunca assistira ao *A Mão que Embala o Berço*.

Mas também, se Cressida não tivesse aparecido naquela altura, Sacha poderia bem ter deixado Jojo nos braços confiantes da rececionista do Centro de Saúde.

O que não impedia Cressida de se sentir completamente petrificada quando parava para pensar na situação em que se tinha metido. Durante as

nove horas seguintes, seria responsável pelo bem-estar da bebé do ex-marido. E se acontecesse alguma coisa a Jojo? E se adoecesse e começasse a sufocar? E se um camião fosse embater na casa? E se Jojo bebesse acidentalmente lixívia, ou caísse e partisse uma perna, ou rebolesse escadas abaixo? Cressida empalidecera com a ideia. Oh, céus, toda a gente iria pensar que ela era uma louca agressora de bebés. Ela não era capaz de ir por diante com aquilo, não era.

Mas tinha de ir, porque não havia mais ninguém por perto para realizar a tarefa.

Cressida olhara para Jojo, que estava no chão da sala de estar a mastigar solenemente uma bolacha *Maria*. Alguns segundos depois, Jojo deixara cair a bolacha e sorrira encantada, revelando dois ratinhos brancos. Aparentemente indiferente ao facto de se encontrar sozinha em casa com uma autêntica estranha, estendera os braços para Cressida.

— O que é, querida? — Com o coração derretido, Cressida agachara-se na frente dela.

Ainda a sorrir, Jojo colocara-se esforçadamente de gatas antes de se agarrar à perna das calças de Cressida para se pôr de joelhos. Depois erguera imperiosamente os braços, uma vez mais, como o Papa.

E Cressida pegara nela.

Capítulo 11

— **T**ia Cress? Sou eu!
A porta das traseiras abriu-se e fechou-se com violência, anunciando a chegada de Jojo. Cressida, que estava na cozinha a preparar um risoto de cogumelos, gritou: — Aqui, querida! — De seguida virou-se e abriu bem os braços, mantendo-os esticados quando Jojo entrou aos saltos na cozinha e lhe deu um beijo.

— Estás a tentar voar?

— Estou a tentar não te pegar o cheiro a cebola e alho. — Cressida apontou para a tábua de corte e agitou os dedos. — O dia foi bom?

— Fantástico. A nadar, a jogar ténis e a fazer queques com cobertura. Eu ia trazer-te alguns, mas comemo-los. — Como ambos trabalhavam a tempo inteiro, Sacha e Robert pagavam para Jojo frequentar um esquema de férias de verão organizado por uma das escolas privadas de Cheltenham. Por sorte, Jojo gostava. Observando-a à pia, a abrir a torneira da água fria e a beber sofregamente um copo de água, Cressida sentiu uma onda de amor pela menina que tinha trazido mais felicidade à sua vida do que qualquer outra pessoa. Jojo estava agora com doze anos, tinha uns bonitos cabelos escuros rebeldes, as feições perfeitas da mãe e as pernas compridas do pai. Naquele dia, vestia uns calções de ganga, a t-shirt verde-mar da *Tammy* que Cressida lhe tinha comprado no último Natal e, por baixo, um sutiã cor-de-rosa almofadado de que não precisava, mas que insistira em comprar porque com doze anos todos os colegas de escola faziam troça de quem não usasse.

— São do jardim? — Jojo tinha reparado nas frésias dentro da jarra em cima da mesa da cozinha.

— Não. Uma pessoa ofereceu-mas.

— Oh! — Jojo ergueu as sobrancelhas. — Homem ou mulher?

— Por acaso, foi um homem. — Cressida despejou as cebolas cortadas para dentro da frigideira e pôs o lume no máximo.

— Tia Cress! É o teu novo namorado?

— Fiz um cartão para a mãe dele. Ele quis agradecer-me, só isso.

— Mas trouxe-te flores. Flores compradas numa loja, — salientou Jojo, — e não precisava de ter feito isso, pois não? Então isso quer dizer que ele gostaria de ser teu namorado?

Hora de mudar de assunto. Mexendo vigorosamente as cebolas dentro da frigideira, Cressida disse: — Nem sequer me passou isso pela cabeça. Agora podes dar-me uma mãozinha com estes cogumelos?

— Isso é o que eu chamo mudar de assunto.

— Muito bem; não, ele não quer, decididamente, ser meu namorado. E ainda bem porque ele vive a duzentos quilómetros de distância. E estes cogumelos continuam a precisar de ser cortados.

— Mas...

— Sabes, hoje passei uma tarde tão agradável — disse Cressida. — Estive a recordar a primeira vez que tomei conta de ti. Tinhas dez meses de idade e ainda não sabias falar.

— Dez meses. — Desta vez, a atenção de Jojo foi desviada; ela adorava ouvir histórias das diabruras que tinha aprontado enquanto bebé. — E já conseguia andar?

— Não, mas eras uma «gatinhadora» olímpica. Parecias um pequeno comboio. Começaste a andar depois dos onze meses.

Depois daquele primeiro dia bem-sucedido, Sacha tinha aprendido a reconhecer um coração mole. Menos de duas semanas depois, tinha pedido a Cressida para tomar de novo conta de Jojo e Cressida tinha ficado demasiado contente por lhe fazer o favor. Uma semana depois disso, Sacha e Robert tinham sido convidados para um casamento chique em Berkshire e Jojo e Cressida tinham passado um magnífico dia juntas, que havia culminado com os primeiros passos desajeitados de Jojo pela sala de estar antes de ter tombado triunfantemente para os braços de Cressida. Nessa noite, quando Sacha e Robert tinham chegado para a ir buscar, Cressida comentara o quão ativa ela havia estado. A sorrir presunçosamente, Sacha tinha dito: — Oh, sim, ela já não demora a começar a andar. Está muito avançada para a idade.

Astrid não tinha regressado. Fora substituída por uma série de amas inadequadas e de *au pairs* ainda mais inadequadas. Se Sacha tivesse pedido a Cressida para deixar o emprego no escritório de advocacia para tomar conta de Jojo a tempo inteiro, Cressida tê-lo-ia feito num abrir e fechar de olhos. Mas tal nunca havia acontecido. Talvez porque, pura e simplesmente, tivesse sido demasiado estranho. Ou talvez tivesse algo a ver com o facto de uma vez Jojo ter acidentalmente chamado mamã a Cressida. Fosse qual fosse o motivo, Cressida continuava a tomar conta de Jojo sempre que lhe pediam e ajudava em casos de emergência. Era uma situação que agradava a todos.

— Qual foi a pior coisa que eu fiz quando era pequenina? — Jojo estava, finalmente, a cortar os cogumelos.

— Queres dizer, a mais embaraçosa? Provavelmente aquele dia em que tiraste a fralda no meio do supermercado e a deixaste no corredor do arroz e da massa. — Cressida fez uma pausa e de seguida disse: — Não foi uma fralda limpa.

— *Blagh!* — A abanar a cabeça e a rir-se, Jojo disse: — Diz-me a melhor coisa que fiz.

Cressida fez uma careta. — Não consigo lembrar-me de nenhuma.

— Isso não é verdade! Diz-me!

— Oh, querida. A melhor coisa? — Cressida largou o refogado das cebolas e envolveu Jojo num abraço. — Não sei mesmo. São demasiadas para contar.

Capítulo 12

No momento em que Tyler parava o carro em frente do Chalé do Gaiteiro, uma borradela branca lodosa atingiu o para-brisas do carro alugado e um enorme pássaro, possivelmente a sorrir de satisfação por ter acertado em cheio, afastou-se sobrevoando os telhados das casas em frente. A borradela era enorme e, como já seria de esperar, estava colada no empoeirado espaço em forma de leque, exatamente onde os limpa-para-brisas do carro não chegavam.

Seria um presságio?

Lottie apareceu à porta de faces rosadas e sem fôlego.

— Oh, olá!

— Não interrompi nada, pois não? — Tyler dirigiu-lhe um meio sorriso, embora ela estivesse vestida com um top de alças branco e umas calças de ganga, por isso não era provável que estivesse a meio de algo demasiado impudico. — Se for uma má altura...

Lottie lançou-lhe um olhar e abriu mais a porta, deixando-o ver o aspirador atrás dela.

— Quem me dera! Apanhou-me apenas a tentar condensar seis semanas de trabalho doméstico em trinta minutos. Os miúdos estiveram a escrever os nomes no pó do televisor. — Secando a testa, Lottie disse: — Desculpe, entre. Não tropece no fio. É assunto de trabalho?

Ela era linda. Voluptuosa, inteligente e repleta de vitalidade. Vendo-a dobrar-se para apanhar uma lata de *Lemon Pledge*, um pano de pó e uma embalagem de spray *Cif*, Tyler disse: — Na verdade, estava a perguntar-me se você gostaria de jantar comigo esta noite.

— Oh. — Lottie fez um ar de surpresa.

— Se estiver livre, claro.

— Bem, posso pedir ao Mario para ficar com os miúdos. Não deve haver problema. — Nitidamente incerta quanto à natureza do convite, ela perguntou: — Será para falarmos de trabalho?

— Podemos falar de trabalho, se quiser. Podemos falar sobre todo o tipo de coisas. — Tyler sorriu. — Que tal se eu a vier buscar às oito?

— Ok. Ótimo. — De olhos a brilhar, Lottie disse: — Embora seja melhor eu falar primeiro com o Mario, para ter a certeza que ele pode ficar com eles. Dê-me dois minutos.

Ela entrou na cozinha para fazer o telefonema. Como não queria escutar a conversa telefónica entre Lottie e o ex-marido, Tyler esperou na sala de estar. O seu olhar fixou-se no amarrotado trapo cinzento que ela tinha claramente estado a utilizar na limpeza e se tinha esquecido de apanhar. Tyler tirou-o do parapeito da janela e saiu pela porta da frente, que ainda estava aberta.

Era o dia da recolha do lixo na aldeia. Todos tinham colocado os *wheelie bins*⁴ — céus, como ele adorava aquela pitoresca expressão inglesa! — em frente dos portões. Depois de acabar de limpar o que o pássaro tão antipaticamente tinha depositado no seu para-brisas, Tyler largou o trapo no contentor do lixo de Lottie e voltou para dentro do chalé.

— Ah, está aí — disse Lottie. — Pensei que se tinha acobardado e fugido rapidamente.

— Fui só lá fora para... — O telemóvel de Tyler começou a tocar. — Raios, desculpe. — Com um ar apologético, tirou-o do bolso da camisa.

— Não faz mal, o Mario fica com os miúdos esta noite. Vemo-nos às oito. — Desejosa de regressar à sua frenética limpeza de trinta minutos, Lottie apressou-o a sair. Quando se preparava para atender o telefonema de trabalho, Tyler ouviu o aspirador ser de novo ligado na sala de estar.

Ele sorriu para si mesmo, já ansioso pela noite que se avizinhava. No espaço de poucos dias, a sua vida tinha mudado drasticamente e ele tinha conhecido Lottie Carlyle, que era sexy e linda e diferente de todas as outras raparigas que já conhecera.

Oh, sim, as coisas estavam, definitivamente, a melhorar.

Tyler ouviu o ruído, antes sequer de ter saído do carro, às cinco para as oito daquela noite. Um gemido estranho vinha do interior do chalé. Ligeiramente alarmado — decerto não seria Lottie, pois não? —, subiu o caminho de entrada e tocou à campainha da porta.

— Olá, você deve ser o Tyler. — Um homem alto com um ar de resignação abriu a porta e apertou-lhe a mão. — Mario. Desculpe a algazarra, estamos a meio de uma crise.

Então aquele era o ex-marido. Tyler entrou e seguiu Mario até à sala de estar, onde uma gigante caixa de *Lego* tinha sido despejada no meio do chão. Aparentemente irritada e ainda de top branco e calças de ganga, Lottie estava sentada numa das poltronas a embalar o filho no colo. Nat

⁴ Contentores do lixo com rodinhas. (N. da T.)

estava a chorar desconsoladamente e, a avaliar pelo estado ensopado do top de Lottie, já estava assim havia algum tempo. Ao ver Tyler, redobrou o volume do choro e escondeu a cara no pescoço de Lottie. Do outro lado da sala, Mario estava a abrir o fecho das almofadas do sofá e a revistar o interior.

— O que aconteceu? — Tyler indagou-se se teria morrido alguém.

Do piso superior, Ruby gritou: — No armário de secagem não está de certeza.

— O Nat perdeu a nana dele. — Lutando para afastar os cabelos do filho dos próprios olhos, Lottie estremeceu quando os uivos de dor dele atingiram novos níveis em resposta às palavras dela. — Calma... pronto, querido, está tudo bem. — Ela embalou-o pacientemente e esfregou-lhe as costas. — Vamos encontrá-la, não te preocupes. Está algures por aqui.

Confuso, Tyler disse: — O que é uma nana?

— É uma espécie de mantinha de conforto. O Nat tem-na desde bebé. Não consegue dormir sem ela. — Lottie olhou para as horas e fez uma careta. — Céus, desculpe. E eu nem sequer tive tempo para mudar de roupa. Olhe, já devemos estar quase a encontrar a nana e eu consigo arranjar-me em cinco minutos, prometo.

A voz de Ruby chegou-lhes do andar superior. — Também não está na casa de banho.

— Eh, não tem problema. — Levantando as mãos, Tyler sentiu que tinha uma oportunidade para ganhar alguns, muito necessários, pontos a seu favor. — Eu ajudo a procurar. Então é uma manta. Bem, não tem pernas, por isso não pode ter fugido para lado nenhum, não é?

— Nós sabemos que está dentro de casa. — Lottie anuiu firmemente com a cabeça e dirigiu um sorriso grato a Tyler. — A nana acaba sempre por aparecer. O Nat deixou-a nalgum lugar seguro que, pelos vistos, é seguro de mais.

Ok, uma manta. Imaginando uma manta de caxemira azul-clara debruada a cetim, Tyler disse suave, mas eficientemente: — Então, Nat, vamos dar início às buscas, está bem? E qualquer pista que nos possas dar, será muito importante. Como, por exemplo, lembras-te de onde a viste pela última vez?

Com o peito agitado, Nat soluçava lastimosamente. — No p-parapeito daquela j-j-janela — e apontou para o outro lado da sala.

Oh, foda-se.

Oh, merda.

Não pode ser.

Sentindo-se nauseado (credo, ele nunca se sentia nauseado!), Tyler disse: — E a... eh, manta é de que cor?

Ainda a tentar acalmar o filho desesperado, Lottie encolheu os ombros e disse: — Bem, de cor nenhuma especial.

— Não t-tem c-c-cor — chorou Nat. — É a minha nana!

Oh, que grande merda.

— Não está aqui. — Mario tinha acabado de inspecionar o interior de todas as almofadas do sofá. — É um pedaço velho de tecido elástico de algodão, — explicou ele a Tyler, — de um babygro que o Nat costumava usar em bebé. Cerca de trinta centímetros quadrados, acinzentado e de aspeto sujo.

— Não é suja! — vociferou Nat. — É a minha nana!

Tyler esperava que a expressão no seu rosto não o denunciasse. Ele tinha jogado muito póquer na faculdade, mas aquilo estava a um nível completamente diferente. Ele sentia as palmas das mãos a suar e...

— Você esteve cá esta tarde — disse Lottie de repente. — Por acaso não reparou se estava em cima do parapeito? — Os olhos dela estavam cheios de esperança.

Não valia a pena, ele não podia negar. Não podia mentir-lhe. Mas também não tinha coragem de admitir a verdade em frente de Nat. De boca seca, Tyler inclinou um pouco a cabeça na direção da porta da sala de estar, fazendo sinal para Lottie o seguir.

Lottie deixou Nat enrolado numa bola destrocada em cima da poltrona e juntou-se a Tyler no corredor. — Olhe, eu lamento imenso. Calculo que esteja preocupado com a reserva no restaurante, mas não posso simplesmente...

— Fui eu. Eu levei a nana. — As palavras, que ele nunca imaginara dizer algum dia, saíram disparadas.

— O quê?!

— Pensei que fosse um trapo velho de limpeza. Você tinha estado a fazer limpeza hoje de manhã e parecia que se tinha esquecido de o deitar fora.

— Onde está? — A avaliar pela expressão dela, Lottie já tinha adivinhado que não havia final feliz à vista.

— Usei-a para limpar mer... porcaria de pássaro do carro. — Tyler manteve a voz baixa. — Estava bastante sujo. O seu lixo estava lá fora, por isso atirei-a lá para dentro.

— Oh, não — gemeu Lottie, escondendo a cara com as mãos. — Não acredito nisto. E agora os contentores já foram esvaziados. Oh, meu Deus, o que vamos fazer?

— Lamento, lamento imenso, foi um acidente. — Esforçando-se por explicar, Tyler disse: — Mas como é que eu ia saber que não era um pano de limpeza?

— Mas você levou-a simplesmente! — Com uma ponta de exaspero, Lottie abanou a cabeça. — Se me tivesse perguntado primeiro, eu podia tê-lo impedido. Ou, se me tivesse dito em seguida, eu podia ter ido buscá-la ao lixo.

— Era minha intenção dizer. Eu ia dizer, mas o meu telefone começou a tocar e você queria continuar com a aspiração. Olhe, eu sei que agora o Nat está chateado, mas ele tem sete anos. Talvez esteja na altura de ele desistir dessa coisa da manta de conforto. Quero dizer, ele não pode continuar com isso indefinidamente, não é? Esta pode ser a oportunidade de que você precisava para quebrar o hábito.

— Oh, céus — suspirou Lottie. — Você não tem mesmo experiência nenhuma com crianças, pois não?

— Mas...

— ROUBASTE A NANA DO NAT! — gritou uma voz aguda acima das suas cabeças, e o coração de Tyler afundou-se ainda mais. De seguida, Ruby desceu ruidosamente as escadas com um dedo acusador apontado ao seu peito. — Roubaste a nana do Nat e deitaste-a fora! Nat, foi este homem, o que contou as mentiras! — Desviando-se habilmente do braço esticado de Lottie, ela entrou disparada na sala de estar e gritou: — Ele disse que és muito velho para ter uma nana, que tens sete anos e só os bebés é que têm nanas, e agora ela desapareceu e nunca mais a vais ver!

Logo atrás de Ruby, Lottie disse: — Nat, ele não disse isso! E foi um acidente, ok?

Embora tivesse sido tentador sair da casa, entrar no seu carro e ir-se embora dali, Tyler seguiu Lottie para dentro da sala de estar. Ele pensara que nada poderia ser pior do que o som do choro de Nat, mas a silenciosa estupefação que agora o recebia ganhava aos pontos. O menino, de rosto pálido e a tremer com o choque, parecia que tinha esquecido de como se respirava. Incrédulo, olhou fixamente para Tyler e sussurrou: — Deitaste-a fora?

Tyler anuiu com a cabeça e exalou lentamente. — Desculpa.

— No contentor do lixo! — afirmou Ruby com entusiasmo.

— Não era intenção dele — disse Lottie.

— Mas não caiu lá por acidente, pois não? — De olhos escuros arregalados, Ruby disse furiosamente: — E agora o que é que o Nat vai fazer sem a nana?! Ele vai morrer!

— Ele não vai morrer — disse simplesmente Mario, quando Lottie tomou Nat nos braços para tentar consolá-lo.

Sabendo, no exato momento em que o disse, que era a coisa errada de se dizer, Tyler arriscou: — Não podiam fazer outra... nana? Talvez uma até melhor?

Todos olharam para ele incredulamente horrorizados, como se tivessem acabado de sugerir que fossem divertir-se com um concurso de lançamento de gatinhos.

— Talvez não. — A mão de Tyler deslocou-se até à carteira. — Olhem, podia ao menos dar alguma coisa para compensar o que aconteceu? Podiam comprar...

— Não é necessário — interrompeu Mario. — A sério. Nós tratamos disto. Anda, Nat, agora larga a mamã, ela precisa de se arranjar para sair.

— Com ele, não! — O corpo de Nat retesou-se e a voz subiu de tom. — Mamã, não vás com aquele homem, eu quero que fiques aqui comigo. Quero a minha nana!

Lottie estava nitidamente dividida.

— Olhe, acho que é melhor ficar — disse Tyler. — Jantamos numa outra noite. Gostava de poder fazer alguma coisa para melhorar a situação, mas não posso. Vou deixar-vos em paz, ok? — De qualquer modo, não teria sido a mais alegre das noites, dadas as circunstâncias. Desejoso de sair do chalé, Tyler aproximou-se da porta. — E, Nat, lamento imenso. Se eu puder fazer alguma coisa...

— V-Vai-te embora — soluçou Nat, com o rosto lavado em lágrimas encostado no ombro de Lottie. — Vai p-para a tua c-casa na América. E n-nunca mais v-voltes.

Capítulo 13

- **O**s computadores são uma coisa maravilhosa — disse Freddie.
- Pois são. — Lottie acenou concordantemente com a cabeça.
- Mas eu detesto usá-los.
- Sei que sim. Isso é porque o senhor é demasiado preguiçoso para aprender a usá-los — lembrou-lhe Lottie. — Se me deixasse ensiná-lo...
- Não, obrigado.
- Mas é tão...
- Eh, para aí! — Levantando as mãos e abanando a cabeça, Freddie disse com firmeza: — Toda a minha vida odiei coisas técnicas. Máquinas de todo o tipo. Não sei como é que o meu carro funciona e não sei como é que os aviões se mantêm no ar. Mas não faz mal, porque temos mecânicos e pilotos que sabem. O mesmo se passa com os computadores — continuou ele antes que Lottie pudesse voltar a interrompê-lo. — Se tenho seis meses de vida, a última coisa com que vou desperdiçar o meu tempo é a aprender como pescar na internet.
- Surfar.
- Também não quero aprender a surfar. Nem a fazer esqui aquático. Não sou o raio do James Bond.
- Eu queria dizer...
- Não, deixa-me explicar — disse Freddie, deixando Lottie a interrogar-se se ia voltar a conseguir concluir uma frase. — Eu não quero aprender essas tretas sobre computadores e não vou aprender, porque tu podes fazer isso tudo por mim. Eu faço as perguntas, tu descobres as respostas e depois dás-mas. Simples.
- Muito bem. Farei os possíveis. Que tipo de pergunta? — Na noite em que Freddie lhe havia dado a notícia de que estava a morrer, tinha comentado que tinha um plano mas tinha-se recusado a entrar em pormenores. Presumivelmente, devia ter algo a ver com isso.
- Em resposta, ele tirou uma folha de papel do bolso do casaco e desdobrou-a.
- Quero encontrar estas pessoas.

Havia cinco nomes escritos nos distintivos gatafunhos de Freddie. Lottie mal teve tempo de ler o primeiro nome antes de Freddie a guardar novamente.

Finalmente, ela disse: — Posso saber porquê?

— Porque quero revê-las.

— Quem são?

— Pessoas que são importantes para mim. Pessoas de quem gostava. — Freddie fez um sorriso breve. — Pessoas que, de uma forma ou de outra, deram forma à minha vida. Credo, isso soa-te completamente enjoativo?

— Um bocadinho. É como aqueles filmes sentimentaloides meio desfocados que só passam na TV diurna na semana antes do Natal. — Lottie adorava secretamente esse tipo de filmes.

— Bem, se serve de algum consolo, sou eu que quero revê-las — disse Freddie. — Não temos nenhuma garantia de que elas queiram ver-me.

— E posso saber a história por detrás? Vai contar-me porque foram tão importantes?

— Ainda não. — Freddie parecia divertido. — Pensei esperar até as encontrares. Dessa forma, sei que vais dar tudo por tudo.

Lottie fez uma careta; ela era irremediavelmente abelhuda e ele sabia disso. — Mas vou precisar de mais pormenores. Que idade têm, onde viviam no passado, que tipo de trabalho tinham.

— Vou dar-te toda a informação que tiver.

— Mas, mesmo assim, podemos não conseguir localizá-las.

— Veremos como corre, está bem?

— Se não me disser quem são, — disse Lottie num tom de enfado, — vou ter de adivinhar.

Freddie sorriu. — Então adivinha, minha querida. Não vais ter a verdade até as encontrares. Eh, anima-te! Pode ser que seja fácil.

— E pode ser extremamente difícil — disse Lottie com frustração.

— Então talvez seja uma boa ideia pôr mãos à obra. Quanto mais depressa, melhor. — Divertido, Freddie acendeu um charuto. — Só precisas de rezar para eu não morrer antes de terminares.

A primeira pessoa misteriosa da lista foi ridiculamente fácil de localizar. Demorou menos de cinco minutos. Chamava-se Jeff Barrowcliffe e era proprietário e gerente de uma oficina de reparação de motociclos em Exmouth.

— É ele — disse Freddie com confiança, espreitando para o ecrã do computador por cima do ombro de Lottie. — O Jeff sempre foi obcecado por motos.

Para ter a certeza, Lottie enviou um *email*:

Caro Sr. Barrowcliffe:

Em nome de um amigo meu, que está a tentar localizar alguém com o seu nome, posso perguntar se a sua data de nascimento é 26 de dezembro de 1940 e se, há muitos anos, morou em Oxford?

Cumprimentos, L. Carlyle.

Como por magia, a resposta apareceu na caixa de entrada dela noventa segundos depois:

Sim, sou eu. Porquê?

— O velho Jeff sabe trabalhar com computadores e enviar *emails* — disse Freddie com admiração. — Quem diria?

— Quem diria que o senhor não sabe? — retorquiu Lottie. — Seu grande ignorante. — Ela fletiu os dedos, qual pianista, sobre as teclas. — Quer que eu lhe diga?

— Não. Eu dou-lhe uma apitadela. — Freddie tinha já anotado o número de telefone da oficina que constava no *website*. Quando saía do escritório, acrescentou: — Em particular.

— Ele vai ficar contente por ter notícias suas?

Freddie acenou com o telefone. — É isso que vou descobrir.

Ele regressou dez minutos depois com uma expressão irritantemente enigmática.

A fitar Freddie com um olhar de «vá-desembuche», Lottie disse: — Então?

— Então, o quê?

— O Jeff Barrowcliffe. Tem de me contar, lembra-se? Vai encontrar-se com ele?

Freddie anuiu com a cabeça. — Vou a Exmouth neste final de semana.

— Vê? — Encantada, Lottie bateu as palmas. — Então ele ficou contente por ouvi-lo! Porque é que pensou que ele poderia não ficar?

— Porque lhe levei a mota — disse Freddie. — A menina dos olhos dele.

— Grande coisa.

— E espatifei-a. Mandei-a para a sucata.

— Oh.

— A namorada dele ia atrás de mim na altura. Aquela com quem ele ia casar-se.

— Freddie! Oh, meu Deus, ela...?

— Não, a Giselle não morreu. Sofreu apenas uns arranhões. Teve muita sorte.

Aliviada, Lottie disse: — Bem, então não faz mal.

— Foi isso que o Jeff pensou. Até eu lha roubar. — Com um sorriso enigmático, Freddie olhou para a expressão de perplexidade na cara de Lottie. — Então, aí tens. E sempre pensaste que eu era boa pessoa. Está à vista, não é? Nunca se sabe.

No pátio traseiro do Flying Pheasant decorria um jogo de petanca. Lottie atravessou a arcada de madressilvas e viu que Mario estava no campo de jogo a ajudar uma rapariga com a sua técnica de lançamento.

Lottie parou por instantes a observá-los, sem ser vista, com os cubos de gelo a tilintarem no seu sumo de laranja. Como tinha passado pelo pub depois do trabalho, a caminho de casa, Mario ainda envergava uma elegante camisa branca de colarinho aberto e as calças do fato azul-escuro. Numa mesa próxima estavam a sua caneca de *Guinness* e as chaves do carro, enquanto o casaco do fato se encontrava pendurado numa cadeira. A rapariga que ele estava naquele momento a ajudar — esguia e morena, com os óculos de sol empoleirados no cimo da cabeça — estava a agitar as pestanas cobertas de rímel e a rir-se como uma miúda de dezassete anos, enquanto Mario lhe mostrava exatamente como ela deveria lançar as bolas metálicas. A rir-se como uma miúda de dezassete anos, reparou Lottie, apesar do facto de ter, no mínimo, trinta.

Sinceramente, o que tinha Mario na cabeça? Estaria a parte do seu cérebro «é-mulher-por-isso-TENHO-DE-A-ENGATAR» destinada a passar a vida toda sem ser desligada?

Na verdade, provavelmente essa parte não estaria no cérebro. Bebendo um gole da sua bebida, e reparando nos olhares invejosos das outras raparigas no grupo de jogadores de petanca, Lottie resolveu juntar-se a eles.

— Oi, Lottie. — Mario endireitou-se e cumprimentou-a com um sorriso alegre. A rapariga de cabelo escuro virou-se para a observar atentamente e Lottie deu por si a ser imediatamente avaliada como concorrência às atenções de Mario.

Só por piada e para ver a expressão no rosto da rapariga, Lottie deu um beijo na face de Mario e disse descontraidamente: — Olá, querido. Jogo eu em seguida, está bem? Sabes bem que adoras quando eu te derroto.

Mario riu-se, perfeitamente ciente do que ela estava a fazer.

A rapariga de cabelo escuro disse com irritação: — Quem é ela? A tua namorada?

— Na verdade, — disse Lottie, — sou a mulher.

— Na verdade, é ex-mulher! — Mario revirou os olhos. — Embora ela continue a adorar intrrometer-se na minha vida.

— Alguém tem de o fazer. — Lottie estava ciente da cabeça da rapariga de cabelo escuro a oscilar entre os dois como um árbitro de Wimbledon. — Onde está a Amber?

— Numa excursão pelos Himalaias, onde querias que estivesse? A trabalhar no salão — disse Mario. — Surgiu uma emergência qualquer e ela não se despacha antes das oito, e foi por isso que passei por aqui para tomar um copo. Se não te importares.

— Quem é a Amber? — As pestanas da rapariga de cabelo escuro já não estavam agitadas.

Lottie olhou para Mario, que suspirou e disse: — A minha namorada.

— Namorada de muito tempo — acrescentou Lottie, prestimosamente.

— Obrigado — disse Mario, depois de a rapariga e as amigas, todas a sacudirem os cabelos lisos como póneis, terem abandonado o recinto do jogo e entrarem no pub.

Alegremente, Lottie disse: — Não tens de quê. Agora podemos jogar, se quiseres. A não ser que estejas com muito medo que eu vença. — Embora, por ter afugentado a rapariga de cabelo escuro, ela sentisse que já tinha vencido.

— Está demasiado calor. — Mario pegou na cerveja. — Seja como for, vou-me embora quando terminar isto.

— Ainda bem que eu vim. O que teria acontecido com aquela rapariga se eu não tivesse aparecido?

— Nada. — Ele parecia magoado. — Ela não sabia fazer lançamentos, só isso. Eu estava a mostrar-lhe como fazer bem a coisa.

— O que é aquilo? — Lottie apontou para o céu. — Uma coisa voadora... oh, olha, tem pés de porco!

Mario abanou a cabeça. — É isto que eu não entendo. Não costumavas chatear-me quando éramos casados. Mas agora que já não somos, fazes questão disso. Bem, onde estão os miúdos?

— No clube de karaté até às sete. E não tentes mudar o assunto — ordenou ela. — É por causa deles que eu estou a chatear-te. A Amber não é nenhuma otária, sabes? Nem percebes o sortudo que és em tê-la. Se comesçares a fazer disparates, ela dá-te com os pés. Estou a falar a sério — insistiu Lottie, porque os cantos da boca de Mario estavam a começar a enrolar. — Não és assim tão irresistível.

— Costumavas pensar que eu era. — Os olhos dele tinham aquele brilho malicioso.

— Bem, nessa altura eu era jovem e ingénua. E agora estamos divorciados — disse Lottie. — Então, o que te diz isso?

— Que já não és tão jovem; na verdade, já bastante velha... ai, não faças isso! — Mario esfregou o ombro. — Não tenho andado a fazer disparates, ok? Para tua informação, tenho sido completamente fiel à Amber.

Até agora, foram as palavras não verbalizadas que ficaram a pairar no ar.

— Bem, vê lá se te manténs assim. Porque há o Nat e a Ruby a considerar, — disse Lottie, — e se tu e a Amber se separarem por ela descobrir que andaste a divertir-te com outras, vais ter mais do que um safanão no ombro para te preocupares. Tens de pensar neles e...

— Eu penso neles. — Mario parecia magoado, embora Lottie desconfiasse que esperar que ele parasse de namoriscar fosse o mesmo que pedir a uma chita que desistisse de carne em troca de cenouras e de brócolos para o resto da vida. — Estou sempre a pensar neles — continuou ele. — Se parasses de me atacar e me deixasses meter na conversa, gostaria de perguntar como está o Nat.

Nat e a nana. A nana que, tragicamente, já não existia.

— Melhor. — Lottie suspirou, porque os últimos dois dias não tinham sido fáceis e a primeira noite tinha sido absolutamente traumática, pontuada pelos despertares sobressaltados de Nat, de hora em hora, e subsequente choro desolador. — Ele tem estado mais animado hoje. Eu disse-lhe que o Arnold Schwarzenegger tinha perdido a nana dele aos sete anos. — Lottie fez uma careta. — Agora quer escrever-lhe porque o Arnie sabe como ele se sente.

A expressão de Mario suavizou. — Ele vai ficar bem. Dá-lhe duas semanas e ele já nem se vai lembrar.

— Céus, duas semanas! — Lottie imaginou as noites perturbadas que tinha pela frente.

— Eh, anima-te. Aposto como o teu novo patrão se sente mal com isto.

— Ele partiu para os Estados Unidos esta manhã. Vai tratar de uns assuntos que ficaram pendentes. Não volta antes da próxima semana.

Mario olhou para as horas e levantou-se, abandonando a *Guinness* meio bebida. — Olha, porque não deixas os miúdos comigo esta noite? Vou buscá-los ao karaté e levo-os para casa. Comemos pizza e jogamos *X-Box*. Que tal te parece?

Emocionada, Lottie disse: — Que, afinal, talvez tu não sejas assim tão má pessoa.

— Tenho os meus momentos. — Mario piscou-lhe o olho e acenou com as chaves do carro. — Vou agora para assistir à aula de karaté. Nada de engatares estranhos, ok? Vê se te deitas cedo.

Ele podia ser maravilhoso quando queria. Outras vezes, extrema-

mente irritante, claro, mas generoso e atencioso quando mais se precisava dele. Por instantes, Lottie desejou poder confidenciar-lhe a terrível doença de Freddie, mas sabia que não devia fazê-lo, apesar do receio de que, quando a notícia se espalhasse finalmente, todos a fitassem e gritassem: «Mas porque é que não o obrigaste a tratar-se? O que é que tens na cabeça? Não se pode ficar de braços cruzados a ver alguém morrer!»

Fosse como fosse, ela não podia dizer nada a Mario. Freddie estava inflexível quanto a não querer que ninguém soubesse antes de serem mesmo obrigados a tal e, até então, não existiam sinais físicos exteriores de que alguma coisa estivesse mal. De facto, a perspetiva do encontro com Jeff Barrowcliffe no sábado tinha-o animado muitíssimo; ele estava...

— Estás bem? — Mario parecia preocupado e Lottie apercebeu-se de que tinha estado a fitar inexpressivamente o recinto da petanca, onde a bola central se encontrava parada na areia, rodeada, a várias distâncias, por cinco bolas metálicas. Ela obrigou-se a voltar à realidade.

— Estou ótima. Tenho trabalhado muito, só isso.

— Ok. Clube de karaté, aqui vou eu. Cuida de ti. — Debruçando-se sobre a mesa de madeira, Mario deu-lhe um beijo na face. — Fui.

Capítulo 14

Era sábado, hora do lanche, e Jojo estava a tomar banhos de sol no quintal da tia Cress, a ler o último número da revista *Ufa!* e a ouvir o CD de Avril Lavigne no seu Walkman. Os pais estavam a oferecer um churrasco naquela tarde, e a casa e o jardim tinham sido invadidos pelo serviço de catering, porque não era o tipo de festarola em que se convidava todos os amigos e vizinhos e todos se divertiam, e que culminava com todos a dançarem conga rua abaixo. Como de costume, a festa da mãe e do pai era uma oportunidade para estabelecer contactos e fazer negócios importantes. Impressionar potenciais clientes estaria na ordem do dia; divirtirem-se — Deus nos livre! — simplesmente não constava da agenda. Quando Jojo sugerira ir antes para casa da tia Cress, a mãe tinha soltado um visível suspiro de alívio e dito: — Essa é uma ideia maravilhosa, querida. Aqui não ia ser muito divertido para ti.

Jojo tinha ficado contente por sair de casa e a tia Cress tinha ficado encantada por vê-la. O Sol brilhava e assim que Jojo se instalara na espreguiçadeira com o seu top curto azul-claro e os calções às riscas azuis e malva, Cressida tinha dado um pulinho ao supermercado para um abastecimento rápido. Estaria de regresso por volta das duas horas, tinha prometido a Jojo, com gelado de merengue de limão, pipocas de chocolate e mais gelados de framboesa do que dois humanos seriam capazes de consumir numa semana. Embora, a avaliar pela reputação delas, o mais provável fosse darem cabo de todos antes do anoitecer.

Jojo concluiu o artigo que estava a ler acerca de uma rapariga que tinha uma paixoneta pelo professor de Física. Avril Lavigne estava a tornar-se repetitiva e os outros CD estavam dentro da mala dela na cozinha. Jojo largou a revista e entrou em casa, mas só quando se desligou do Walkman é que percebeu que a campainha da porta estava a tocar.

Quando abriu a porta, as pessoas tinham desistido e estavam já a descer a rua. Observando-os da porta, Jojo indagou-se se deveria chamá-los. Então, como se presentisse que ela estava atrás de si, o homem virou-se e viu-a. Disse qualquer coisa ao menino que estava com ele e voltou apres-

sadamente para trás, no preciso momento em que Jojo se lembrou de que tinha protetor solar branco opaco espalhado no nariz. A tentativa de o limpar rapidamente só fez com que este se espalhasse pegajosamente pelas palmas das mãos.

— Olá. — O homem parecia simpático. — Pensámos que não estava ninguém em casa. Estive uma eternidade a tocar à campainha.

— Desculpe, eu estava no quintal. — Jojo apontou para as orelhas. — Walkman.

— Ah, sim, o meu filho tem uma coisa dessas. — O homem apontou para o menino atrás de si, que estava à espera ao portão. — Atenção, ele não precisa de o ter ligado para me ignorar. Adam Ant.

O quê? Confusa, Jojo disse: — É o nome dele?

— Não, não, eu queria dizer que te pareces com o Adam Ant, com essa risca branca na cara. — O homem abanou a cabeça. — Desculpa, provavelmente não sabes quem ele é. És demasiado nova para te lembrares. Seja como for, deves ser a Jojo. A tua... hum, a Cressida está?

— Ela foi às compras. — Como a tia Cress não tinha propriamente hordas de estranhos a baterem-lhe à porta, Jojo fazia uma pequena ideia de quem se tratava aquele. Com renovado interesse, perguntou: — É o homem das flores?

Foi a vez dele ficar confuso. — Homem das flores?

— O que comprou um cartão e ofereceu flores à tia Cress no outro dia, para agradecer.

— Ah, sim, claro. — A expressão dele desanuviou. — Sim, sou eu. Então, a que horas achas que ela estará de volta?

— Por volta das duas. — Ávida por ajudar, Jojo perguntou: — Queria comprar outro cartão?

— Bem, não exatamente.

— Então, o que é? Se me deixar um recado, eu digo-lhe... espere, há um bloco de notas ao lado do telefone. — Jojo pegou no bloco de notas e numa caneta de feltro púrpura, abriu o bloco numa página em branco e pôs-se à frente dele como uma empregada de mesa. Cheia de expectativa, disse: — Diga.

— Hum... se calhar eu ligo-lhe mais logo. — O homem ruborizou ligeiramente e Jojo constatou que ele estava envergonhado. Quando ele começou a arrastar os pés para se ir embora, passou subitamente pela cabeça de Jojo que ele ali tivesse ido para convidar a tia Cress para sair. Credo, ela tinha brincado com ela depois do episódio das flores, mas afinal sempre tinha razão! Incentivada pela descoberta — e pela página de problemas que tinha acabado de ler na *Ufa!*, para onde uma rapariga tinha escrito infelicíssima a querer saber porque é que os rapazes diziam sempre que telefo-

navam, mas nunca o faziam —, Jojo teve a certeza que, acontecesse o que acontecesse, não podia deixar escapar aquela oportunidade.

— Ou eu podia anotar o seu número e a tia Cress ligava-lhe depois — disse ela energicamente, adotando o tom supereficiente que a mãe usava ao telefone sempre que tinha um negócio importante que estava determinada a fechar.

— Hum...

— Ou podíamos já marcar uma hora para uma reunião. Eu tenho a certeza que a tia Cress vai estar livre esta noite.

— Bem...

Desesperada para não o deixar escapar (mesmo naquele momento, ele parecia capaz de se acobardar e de desatar a correr em direção ao portão), Jojo empurrou o bloco de notas e a caneta contra o peito dele e disse subitamente: — Tome, anote o seu nome e o número de telefone e depois ela...

— Desculpa. — O filho do homem, ainda encostado ao portão da frente com o boné puxado para cima dos olhos, disse: — És sempre assim tão mandona?

Jojo ficou furiosa.

O pai virou-se e disse: — Donny, não precisas de ser mal-educado.

— Não sou mal-educado. — Donny encolheu os ombros, amuado. — Só fiz uma pergunta razoável.

— E eu não sou mandona. — O queixo de Jojo retesou-se.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Tens a certeza? Ouviste o que tens estado a dizer?

— Donny!

Ignorando o pai, Donny disse: — O meu pai veio aqui para convidar a tua tia para sair.

— Eu sei disso! — retorquiu Jojo. — Estava só a querer ajudar.

— Ajudar? Só conseguiste assustá-lo. Como se ele não estivesse já com dificuldade.

Desorientado, o pai do menino olhou para Jojo. — Sabias? Como é que sabias?!

— Olha! — Jojo dirigiu-se acaloradamente ao menino que estava ao portão: — Não é culpa minha se a minha tia Cress não está aqui. Mas se o teu pai dissesse que ligava depois e não ligasse? Eu só estava a tentar organizar alguma coisa, alguma coisa de que ele não pudesse recuar.

— O meu pai não recua de nada, ok?

— Exceto daqui — salientou Jojo.

— Só porque estavas a interrogá-lo.

— Vá, vá. — Recompondo-se, o pai do menino bateu palmas. — Pa-rem com isso, os dois.

— Foi ela que começou — resmungou Donny, baixinho.

— Donny, por favor. Agora, recomeçamos. — Fitando Jojo com um olhar mais determinado do que de pânico, o homem disse: — Sim, eu vim cá para perguntar à tua tia Cress se ela gostaria de vir jantar fora comigo, mas...

— Esta noite?

— Quando lhe der mais jeito. Mas ela não está, eu passo por cá mais logo. É uma promessa.

— Esta noite está muito bem. — Ainda determinada a fechar o negócio, Jojo disse: — Na verdade, esta noite seria perfeito. Conhece algum sítio agradável para se comer por aqui?

Estupefacto, o homem disse: — Bem, acho que...

— No Red Lion, a comida é ótima — continuou Jojo a tagarelar. — Em Gresham. Fica a poucos quilómetros daqui. Na outra semana, fui lá com os meus pais. Tem um pudim de caramelo pegajoso fantástico. Posso dizer que vem buscar a tia Cress às sete horas?

Pasmado, o homem disse: — Mas eu nem sequer a convidei ainda. Ela pode não querer jantar comigo.

— Ah, quer, sim. — Jojo estava certa quanto a isso. — A tia Cress não sai com ninguém há eras. Ela não tem muita sorte com os homens.

Ele esboçou um leve sorriso. — Tenho a certeza que ela ia ficar encantada ao ouvir-te dizer isso.

— É a verdade. — Jojo decidiu que ele parecia boa pessoa. — Ela escolhe sempre o tipo errado. Então, fica marcado para as sete horas. Eu certifico-me de que ela vai estar pronta a horas.

Agora ele estava, definitivamente, com um ar divertido. — E tu?

— Eu? Oh, eu não escolho tipo nenhum. Ainda só tenho doze anos. — O tom de Jojo era de descontração. — Basicamente, todos os rapazes são uns idiotas.

Ao portão, Donny bufou.

— O que eu estava a perguntar era se tens alguma coisa planeada para esta noite, ou se gostarias de ir connosco. — O homem apontou brevemente para Donny, que estava agora concentrado a arrancar pedaços de musgo do muro do jardim. — Para compor o número. Tenho a certeza que o Donny iria gostar de ter alguém da idade dele com quem conversar.

Donny estava com ar de quem iria gostar tanto disso como de fazer a dança da galinha em cima do palco durante uma festa da escola. Nu. Jojo também não estava a achar grande piada ao jantar. Por outro lado, ela tinha doze anos de idade, o que significava que os adultos não gostavam muito de a deixar sozinha mais do que umas duas horas de seguida. E se a tia Cress se recusasse a sair com o pai de Donny por não querer

abandoná-la? A alternativa seria voltar para casa e ter de suportar o churrasco dos infernos.

Francamente, nem havia comparação.

— Ok, seria ótimo. Obrigada. — Quando sorriu para ele, Jojo ouviu outra bufadela de desdém emanar de Donny. — Podemos ser os vossos paus-de-cabeleira.

— Então, está combinado. — Parecendo, agora, muito mais feliz, o pai de Donny disse: — Vou reservar mesa para as sete e meia. — Jovialmente, acrescentou: — Pudins de caramelo pegajoso para todos!

— Uh! — resmungou Donny, raspando com os ténis no passeio. — Pudins de caramelo pegajoso são para meninas!

— Tu o quê?! — Cressida largou os sacos do supermercado em cima da mesa da cozinha e olhou boquiaberta para Jojo.

— Arranjei-te um encontro. — Jojo parecia incredivelmente satisfeita consigo própria.

Aaarrgh! — Com quem?

— Com o homem que te trouxe as flores.

— O quê?

— Uh, como se eles fizessem fila. — A sorrir maliciosamente, Jojo disse: — Sabes de quem estou a falar. E vais jantar com ele esta noite no Red Lion, em Gresham.

— Esta noite?! — Consciente de que estava a começar a parecer um papagaio, e que o sangue parecia achar que o corpo dela era um circuito de Fórmula Um, Cressida sentou-se pesadamente numa cadeira da cozinha. — Mas... e tu? Não posso simplesmente deixar-te aqui.

— Não é preciso. Eu também vou. — Jojo começou a esvaziar os sacos, enfiando pacotes de milho-doce e de *rosti* de batata no frigorífico.

Fracamente, Cressida perguntou: — Vais?

— Eu e o Donny. Aquele fedelho rabugento, lembras-te? Nós também vamos para vos vigiar, para garantirmos que vocês se comportam. Porque os mais velhos também podem fazer travessuras, sabes? — Jojo afirmou isto com tamanha descontração que era óbvio que nem lhe passava pela cabeça que tal fosse verdade. — Seja como for, é isso que vamos fazer esta noite. Não é fantástico? Eu disse-te que ele estava interessado em ti. Posso comer um bocadinho deste gelado?

Atordoada, Cressida anuiu com a cabeça. Por amor de Deus, era apenas um jantar e, ainda por cima, de quatro pessoas. Mas o seu tolo e velho coração estava, ainda assim, a pular dentro do peito como o Bambi. Nos últimos dias, Tom Turner tinha estado nos seus pensamentos muito mais do que deveria.

— Oh, céus, o que hei de vestir? — disse subitamente Cressida, apercebendo-se de que quanto mais velha e sem treino uma pessoa estava, de mais tempo precisava para se aprontar para um encontro. — As minhas sobancelhas precisam de ser arrançadas e o meu cabelo está um horror. Se puser agora um bronzeador artificial nas pernas, achas que estarão morenas a tempo?

— Antigamente, as mulheres costumavam pôr corante de caramelo nas pernas porque não tinham dinheiro para comprar meias. Aprendemos isso na escola. — Interessada, Jojo perguntou: — Costumavas fazer isso?

— Isso foi durante a guerra, criança maldosa. E tenho a certeza que se experimentasse, teria cães a lambem-me isso dos tornozelos. Se vou sair com um homem, — protestou Cressida, — preferia não ser perseguida por uma matilha babona de cães de caça. Raios, e a minha camisa branca tem uma nódoa de esparguete na frente.

Jojo já tinha, nesta altura, desistido de esvaziar os sacos e estava encostada ao frigorífico a comer gelado de merengue de limão, diretamente da caixa, com uma colher de chá. — Tia Cress, ele não é propriamente o Johnny Depp. Não vais ter problemas.

— Eu sei. — Cressida passou os dedos pelo cabelo, que estava a precisar desesperadamente de um corte. — Mas continuo a não querer que ele fuja aos gritos.

— Ele não está à espera de uma supermodelo — argumentou Jojo. — Faz apenas o teu melhor.

Tão jovem, tão cruel. Tão certa.

— Ok — disse Cressida.

— Seja como for, não entres em pânico. Eu tenho precisamente aquilo que te faz falta. — Jojo parecia satisfeita consigo própria. — Vou emprestar-te o meu exemplar da *Ufa!*

Capítulo 15

A revista de Jojo continha um artigo de página dupla intitulado «As Vinte Dicas Megafantásticas para o Encontro Mais Escaldante!!!». Depois de o ler atentamente — com Jojo à espreita por cima do ombro —, Cressida ficara a saber que quando saísse com Tom, devia vestir uma alegre t-shirt curta para exhibir a barriga lisa (se a tens, ostenta-a!!!), que no dia anterior devia enfiar os ténis na máquina de lavar roupa (porque ninguém gosta de ténis sujos!!!) e que não devia dar-lhe uma mordidela de amor (Uh, nada fixe!!!). Ela tinha também sido severamente instruída a não desagradar os amigos dele, a não usar demasiado gloss pegajoso nos lábios (porque ninguém quer dar beijos a uma miúda e acabar por ficar colado a ela!!!) e a não enviar mensagens a outros rapazes sensuais durante o encontro.

Depois, claro está, seguia-se: rir-se das piadas dele, mas não demasiado alto (não queres que ele pense que és uma hiena!!!); andar sempre com os tampões bem enfiados no fundo da mala (para não caírem e rolarem pelo chão — aaarrgh!!!); e, finalmente, racionar as latas de *Coca-Cola* (faças o que fizeres, não arrotos na cara dele!!!).

Bem, pensou Cressida, *graças a Deus que existem as revistas para adolescentes*. Imagine-se as terríveis gafes que ela teria cometido se não fosse a *Ufa!*

— Agora, as bebidas. — No bar do Red Lion, Tom esfregou as mãos e virou-se para Cressida. — O que toma?

— Uma *Coca-Cola*, por favor — disse inocentemente Cressida, cruzando o olhar com o de Jojo e fazendo-a abanar a cabeça em desespero. — Na verdade, não quero isso. Sabe, adorava tomar um copo de vinho branco.

Ela viu Jojo relaxar.

— Excelente ideia. Donny?

— *Coca-Cola*.

— Jojo?

— Obrigada. — Jojo sorriu-lhe. — Também quero uma *Coca-Cola*.

...

— Para que é que fizeste aquilo? — disse Donny de sobrolho carregado. — É uma chatice estar aqui.

Jojo revirou os olhos e perguntou-se como era possível ele ser tão tapado. Assim que as bebidas tinham chegado, ela tinha insistido em arrastar Donny para o jardim do pub. — Ali dentro também é uma chatice. De qualquer forma, eu estava a ser subtil. Se ficarmos lá dentro com eles, o teu pai vai perguntar-me se eu estou a gostar da escola e quais são as minhas disciplinas favoritas, blá, blá, blá, e a tia Cress vai tentar conversar contigo acerca dos teus passatempos e do que vais querer fazer quando saíres da escola, porque vão sentir-se obrigados a fazer conversa de cortesia. É o que fazem os adultos quando há crianças por perto. Mas o que eles querem realmente é falar um com o outro, por isso, para quê atrapalhá-los? Se estivermos aqui fora, podemos fazer o que quisermos.

— E não precisamos de responder a uma data de perguntas parvas. — Donny anuiu com a cabeça, reconhecendo com relutância que fazia sentido, e depois olhou para ela de debaixo da pala do boné. — Mas não há nada para fazer aqui fora. — Com uma ponta de sarcasmo, acrescentou: — A não ser que queiras brincar nas barras do parque infantil.

— Não, obrigada. Eras capaz de cair e desatares a chorar. — Jojo bebeu um gole de *Coca-Cola*. — Sempre podíamos conversar um com o outro.

Ele olhou ameaçadoramente para ela. — Sobre o quê?

— Bem, não sou eu que vou saber, não é? Mas certamente não morerias por fazer um esforço. — A perder a paciência, Jojo disse: — Quero dizer, tu vives em Newcastle. De certeza que não vai aparecer aqui nenhum amigo teu e apanhar-te a conversar com uma miúda.

— Não tenho medo de falar com miúdas.

— Não? Até agora não me parece que estejas a fazer grande coisa, pois não?

Donny fez uma careta. — Talvez dependa da miúda.

Jojo sentia-se muito tentada a engolir o resto da *Coca-Cola* e a arrotar-lhe na cara. Céus, seria de admirar que não estivesse interessada em rapazes, se era assim que eles eram?

— Olha, — disse ela, chateada, — não vou tentar engatar-te. Não me sinto atraída por ti. Pensei apenas que podíamos dar algum tempo a sós ao teu pai e à minha tia, só isso.

— Pois, pois. — Donny exalou ruidosamente. — Mas, a sério, para quê? Estamos aqui de férias. Na próxima semana voltamos para Newcastle.

— E então? Eles gostam um do outro. Que mal tem isso? — Irritada com a atitude dele, Jojo disse: — Nunca ouviste falar em romance de férias?

A palavra começada por R fez Donny encolher-se e virar a cara em

repúdio, como se ela tivesse acabado de lhe cuspir em cima. O que, naquele momento, era uma ideia bastante tentadora.

— Olha, — tentou Jojo de novo, — eu sei que não vai dar em nada porque vocês vivem muito longe, mas não há motivo para eles não saírem algumas vezes e ficarem por aí. Vê isso como uma espécie de treino. A tia Cress teve mesmo muito azar com os homens, por isso é bom vê-la com alguém decente. E, provavelmente, o teu pai também está destreinado. — Calou-se por instantes e depois disse: — Ou é esse o problema? Não queres que ele ande com ninguém?

Donny baixou os olhos e fitou os ténis. Finalmente, disse: — Não é isso. Só que é um bocado esquisito. A minha mãe deixou-nos há dois anos.

— Eu sei. A tia Cress disse-me.

— E eu sei que provavelmente ele irá casar-se um dia, mas e se ele escolher alguém que eu odeie? Quero dizer, eu não tenho propriamente voto na matéria, pois não? Os pais do meu amigo Greg divorciaram-se e tornaram a casar, mas o Greg não suporta a madrastra nem o padrasto!

Sentindo pena dele, Jojo disse: — Mas o teu pai pode casar com alguém que tu gostes. Não tem de ser sempre mau. Eu sei que não é igual, mas o meu pai já foi casado com a tia Cress e eu adoro-a.

— O teu pai foi casado com ela? O quê? Antes de tu nasceres? — Donny franziu o sobrolho, tentando entender. — Isso é esquisito.

— Não é esquisito. Ela é fantástica. Eu tenho sorte — insistiu Jojo.

Donny começou a puxar as pontas soltas em redor de um rasgão nas calças de ganga largas. — Aposto como eu não teria sorte, eu nunca...

— Sorri!

— O quê? — Erguendo os olhos, ele viu que Jojo estava a sorrir para ele como uma lunática. — Faz um ar feliz — instruiu Jojo com um sorriso inabalável. — A tia Cress está à janela a vigiar-nos. Finge que está tudo bem.

— Porquê?

— Francamente, és tão tapadinho! Porque assim eles podem descansar e divertir-se sem terem de se preocupar connosco.

— Credo, quem me dera ter trazido o *GameBoy* — resmungou Donny, embora tenha realmente tentado algo que, à distância, pudesse parecer um sorriso. — És mesmo esquisita.

— Eles estão ótimos. A rirem-se e a conversarem como velhos amigos — anunciou Cressida, alegremente.

— A sério? — Tom parecia aliviado.

— Estão a dar-se às mil maravilhas. Pronto, vê? Tanta preocupação para nada. Provavelmente, estão muito mais felizes lá fora no jardim

do que enfiados aqui dentro com os velhos jarretas. Não que você seja um velho jarreta — disse rapidamente Cressida quando Tom ergueu as sobranceiras.

Ele sorriu. — E você também não.

— Embora eu tenha a certeza que o Donny e a Jojo achem que somos.

— Bem, isso nem é preciso dizer. Para eles, qualquer pessoa acima dos vinte e cinco já está a ficar velha.

Cressida não se via exatamente como uma velha jarreta, mas continuava a ser muito mais agradável estar dentro do pub, sentada a uma bonita mesa na área do restaurante onde a iluminação era suave e favorecedora da tez. As velas que tremeluziam sobre a mesa, entre os dois, proporcionavam um adicional ambiente romântico. Quando voltou a sentar-se, ela sentiu um condizente calorzinho na barriga devido ao vinho. Tom parecia também bastante descontraído. Na verdade, ele parecia ok e ponto final. E os cheiros que chegavam da cozinha eram de fazer crescer água na boca.

— Bem, ainda bem que viemos aqui. Você fez uma boa escolha — disse Cressida com satisfação.

— Não me agradeça, agradeça à Jojo. A ideia foi dela. — Tom sorriu. — Aquela é toda despachada. Ela disse-me a que horas eu devia ir buscá-la e onde devia levá-la. Eu fiz simplesmente o que me tinham dito.

— Então também estou feliz por isso. A não ser que você esteja a odiar isto tudo.

— Porque é que eu haveria de estar a odiar? Estou a gostar mais destas férias do que tinha imaginado. — Inclinando-se para a frente, ele confidenciou: — Pense, se não tivesse sido o aniversário da minha mãe esta semana, nunca nos teríamos conhecido.

A sentir-se deliciosamente destemida e ligeiramente zozna, Cressida levantou o copo e quase tocou com a manga rendada da camisa na tremeluzente vela vermelha. — Nesse caso, à sua mãe.

— À minha mãe. — Tocando com o copo no dela, Tom disse calorosamente: — E à sua.

— À minha. — Cressida tocou outra vez com o copo no dele. — E à sua. — A fitar os olhos dele, ela desejou sinceramente que ele não vivesse tão longe. Depois disse para si mesma que não podia mesmo beber mais de estômago vazio, porque aquela era decididamente uma daquelas ocasiões em que a pessoa não queria fazer figura de parva. — Acha que devíamos pedir alguma comida? Depois pode dizer-me tudo sobre Newcastle.

Tom parecia divertido. — Não é assim tão exótico.

Tem-te a ti, pensou Cressida com o tipo de entusiasmo frenético que não sentia desde a adolescência. *Isso é suficientemente exótico para mim.*

...

— Ali vem ela — disse Jojo quando a tia Cress apareceu no jardim a proteger os olhos do Sol poente e a acenar-lhes com duas ementas.

— Finalmente — resmungou Donny. — Estou morto de fome. Estivemos aqui fora uma hora.

— Para de te lamuriar. E sorri! — Jojo deu-lhe um pontapé debaixo da mesa de madeira e recebeu imediatamente um pontapé mais forte em resposta. — Olá, tia Cress. Como vão as coisas?

— Oh, vão muito bem, querida, muito bem. — A sorrir-lhes, a tia Cress entregou a cada um uma ementa. — Estamos a fazer o pedido. E vocês os dois, estão bem?

— Ótimos! — Como já tinha ido ao Red Lion, Jojo disse prontamente: — Eu quero os *wraps* de galinha, por favor. E pudim de caramelo pegajoso. E tu, Donny?

Ele deu uma olhadela extremamente rápida na ementa. — Hambúrguer com batatas fritas, por favor.

— Não têm isso — queixou-se Jojo. — É chato. Come os *wraps* de galinha.

— Gosto de hambúrgueres com batatas fritas. Posso comer o que eu quiser, não posso?

— Claro que podes. — A tia Cress dobrou-se e segredou-lhe: — Ignora a Jojo, ela acha sempre que ela é que sabe. E que sobremesa queres? O pudim de caramelo pegajoso?

— Hum... — Donny olhou de relance para Jojo, que estava a mimar ostensivamente o gesto de fechar a boca. Por fim, suspirou e disse: — Ok.

— E podemos comer aqui fora? — perguntou Jojo. — Olha, outras pessoas estão cá fora. Mas vocês podem ficar lá dentro, se preferirem.

— Não tem problema nenhum! Vou dizer ao empregado de mesa para trazer a vossa comida aqui para fora quando estiver pronta. É tão bom — continuou a tia Cress animadamente — ver-vos aos dois a darem-se tão bem. Na verdade, — ela cruzou o olhar com o de Donny, — o teu pai sugeriu que fôssemos todos a Longleat amanhã! Que tal?

Jojo deu um grito de alegria. Donny, ao seu lado, fez uma ligeira careta e depois anuiu com a cabeça e fez um sorriso forçado.

Nitidamente encantada, a tia Cress disse: — Então está combinado! Bem, é melhor eu voltar lá para dentro e fazer os pedidos.

— Era só o que me faltava — resmungou Donny quando já estavam de novo a sós. — Brincar às famílias felizes.

— É melhor do que brincar às famílias infelizes — retorquiu Jojo. De seguida, deu-lhe um encontrão. — Vá, anima-te! Vai ser divertido.

— Um local pomposo. — Donny libertou um gemido baixo. — O dia todo. Contigo.

— Longleat é sensacional. — A gostar de implicar com ele (na realidade, a gostar de o irritar), Jojo disse: — E os leões adoram quando adolescentes antipáticos são acidentalmente empurrados dos carros mesmo diante deles. — Ela levantou bem os braços e abriu os dedos como garras. — *Rrrraaaaagghh!*

Donny olhou para ela, o rosto magro inexpressivo. Depois baixou a testa e bateu lentamente com a mesma contra a superfície da mesa de madeira. — Oh, *céus*.

Capítulo 16

Freddie partiu em direção à M5 domingo de manhã a seguir ao pequeno-almoço. Se não houvesse problemas com o trânsito, chegaria a Exmouth duas horas depois. Depois de descer o vidro elétrico da janela do condutor, acendeu um charuto e ignorou com determinação a incômoda e persistente dor de cabeça que, nos últimos tempos, se assentava como um capacete de chumbo todas as manhãs. Fora do carro, o campo circundante encontrava-se envolto em neblina que o sol lutava para conseguir penetrar. Ele estava desejoso para rever Jeff, mas também apreensivo. Jeff tinha estado taciturno ao telefone, nitidamente sobressaltado por ouvir uma voz do passado — e, ainda por cima, uma voz que não era particularmente bem-vinda.

Bem, era compreensível. Mas Freddie esperava que os dois conseguissem ultrapassar o desconforto, esquecer as situações desagradáveis e recuperar ao menos um pouco da amizade de infância. Nessa altura, o vínculo entre os dois havia parecido inquebrável. Pensar que não seriam amigos íntimos pelo resto da vida estivera completamente fora de questão. Mas uma noite fatídica fora o suficiente para quebrar esse vínculo e depois disso as suas vidas haviam mudado para sempre. Jeff havia sofrido na altura, sem dúvida. Mas teria continuado a sofrer nos últimos quarenta anos? Freddie não sabia a resposta e não tinha feito propositadamente a pergunta durante a breve conversa ao telefone.

A estação de serviço Michael Wood estava a aproximar-se e Freddie considerou, por breves momentos, parar para tomar um café e mais uns ibuprofenos. Não, ele queria continuar com a viagem, chegar a Exmouth e rever Jeff. Ele não tinha feito a importantíssima pergunta naquele dia, mas estava prestes a descobrir a resposta.

Claro que Jeff sempre tinha fervido em pouca água. Ele podia estar prestes a descobrir da pior maneira.

Mas, pensando bem, pensou Freddie, talvez eu mereça.

— Ele está bêbedo — tinha dito Giselle com um gesto de desdém. — Podre de bêbedo. Ele nem sequer consegue andar, quanto mais voltar de mota

para casa esta noite. Mas ele precisa dela para ir trabalhar amanhã e se o Derek der uma boleia ao Jeff, a mota vai ficar aqui e eu fico sem transporte para casa. São treze quilómetros — concluíra ela, desesperada. — Não consigo percorrer essa distância toda a pé.

Pobre Giselle, estava prestes a perder as estribeiras e quem podia censurá-la? Freddie sabia muito bem que não era a primeira vez que Jeff se embebedava e causava problemas. Eles tinham crescido na mesma rua em Oxford e eram grandes amigos, mas Jeff não facilitava nada as coisas quando tinha um dos seus ataques periódicos de bebedeira.

Naquela noite tinham ido todos a uma festa num pub em Abingdon, que era famoso por continuar a servir bebidas mesmo após a hora de fecho. Freddie tinha apanhado boleia com Derek e tinham ido cinco pessoas espremidas no *Morris Minor* preto de Derek. Jeff e Giselle tinham chegado na motorizada de Jeff, a sua adorada *Norton 350*.

E agora Jeff estava incapaz de conduzir até casa.

Freddie olhou para Giselle, com o seu top vermelho-cereja e saia vermelha às bolinhas brancas. Os cabelos escuros estavam presos num alto rabo de cavalo e ela estava com um ar preocupado, o que não era de estranhar já que ele sabia que também ela precisava de ir trabalhar no dia seguinte de manhã. Mais, já passava da meia-noite e os pais dela eram do tipo ansioso que ficava acordado à espera que a adorada filha de dezoito anos chegasse a casa. Nenhum deles tinha dinheiro suficiente para pagar um táxi.

Por sorte, não era preciso táxi.

— O Jeff pode regressar com o Derek e os outros. Eu levo a mota dele para casa e, de caminho, deixo-te em casa. Que tal?

— Deixas? — Os olhos de Giselle iluminaram-se com alívio. — Oh, Freddie, que bom! A minha mãe dava em louca se eu me atrasasse. Salvas-te-me a vida.

Famosas últimas palavras.

Jeff foi arrastado para fora do pub e enfiado no lugar do passageiro do *Morris Minor* de Derek.

— E nem te atrevas a vomitar no meu carro — ordenou Derek, quando a cabeça de Jeff se reclinou frouxamente de encontro ao apoio para a cabeça.

— Porque é que ele faz isto? — perguntou Giselle, sem saber o que fazer, quando as luzes dos faróis traseiros do carro desapareceram de vista. — Ele é tão querido o resto do tempo. Quando não bebe, é perfeito. Mas de alguns em alguns meses, resolve ir para a farra e beber até cair para o lado. É uma coisa tão estúpida e sem sentido!

Era verdade, mas Freddie não tinha sido capaz de admitir. Jeff era Jeff

e ele não ia ser desleal para com o seu melhor amigo. Em vez disso, disse com uma alegria forçada: — Amanhã de manhã ele já vai estar bem. De vez em quando, todos nós bebemos de mais. Anda, vou levar-te a casa.

Iam no caminho de regresso a Oxford, pela desértica A34, quando uma raposa se atravessou na estrada à frente deles. Quando travou a fundo e se desviou para evitar o animal, Freddie sentiu a roda traseira da poderosa *Norton* começar a derrapar de lado. Depois, tudo pareceu acontecer em câmara lenta. Os braços de Giselle apertaram-lhe convulsivamente a cintura, ele ouviu-a gritar no momento em que perdeu o controlo da mota e, de repente, estavam a deslizar a toda a velocidade em direção a um muro.

O impacto foi súbito, ruidoso e violento. Giselle foi projetada da mota e aterrou com um arrepiante baque do outro lado do muro. Por algum milagre, Freddie foi lançado de lado para cima da berma coberta de erva. Ele sentia dores pelo corpo todo, mas disse para si próprio que pelo menos ainda era capaz de sentir dor, o que era melhor do que não a sentir. Levantou-se com esforço, encaminhou-se desorientadamente para o muro de pedra e perguntou roucamente: — Giselle? Estás bem?

Nada. Apenas um silêncio sinistro pontuado pelo silvo do vapor que saía do motor da *Norton*. De algum modo, apesar da profunda escuridão, Freddie conseguiu transpor o muro para o campo onde ela se encontrava. Finalmente, ouviu-a arquejar e, de seguida, o ruje-ruje do rígido saiote de tafetá quando ela tentou sentar-se.

— Giselle! Oh, meu Deus...

— Estou bem. Acho. Caí em cima de umas pedras. Dói-me a perna — sussurrou Giselle de modo entrecortado. — E as costas também.

Quando Freddie lhe tocou no braço, encontrou-o pegajoso com sangue e o coração caiu-lhe aos pés. Ele tinha quase matado a rapariga que amava, a rapariga que estava noiva do seu melhor amigo. Quando lhe pegou na mão e lha apertou, sentiu o anel de noivado cravar-se-lhe na palma transpirada. — Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz?

— Pelo que parece, destruíste a mota do Jeff. — Giselle murmurou as palavras com dificuldade no momento em que o ominoso silvo se intensificou. — Ele não vai ficar nada contente contigo.

Pouco depois, Freddie fez sinal a um condutor que estava de passagem por ali e que os levou para as urgências do hospital de Radcliffe. Enquanto esperavam ser vistos pelo médico, Giselle disse por diversas vezes a Freddie que a culpa não era dele, que ele não tinha feito nada de errado. Com lágrimas nos olhos, Freddie abanou a cabeça e disse: — Eu não ia suportar se te acontecesse alguma coisa.

De repente, ali mesmo, no meio do departamento das urgências, com sangue a escorrer-lhe pelos braços e o top vermelho-cereja enlameado e

rasgado, Giselle estava a beijá-lo. Quando o beijo terminou finalmente, ela emoldurou-lhe delicadamente a cara entre as mãos, viu a verdade há tanto escondida nos seus olhos e sussurrou: — Oh, Freddie, não vês? Já aconteceu.

Então, os ansiosos pais de Giselle haviam chegado e ela apresentara-lhes Freddie, explicando que ele tinha desviado a mota para evitar uma raposa e que não era culpado do acidente. Depois de observar lugubrememente Freddie por alguns segundos, o pai de Giselle dissera bruscamente: — E onde está o namoradinho?

— Ele foi para casa de boleia com o Derek. — O tom de Giselle era calmo.

— Queres dizer que ele se embebedou outra vez.

— Sim. E eu também já não me vou casar com ele. — A olhar para baixo, para o aglomerado de brilhantes salpicado de sangue na mão esquerda, Giselle anunciou: — O noivado está cancelado.

A mãe desatou a chorar de alívio.

— Bem, graças a Deus — retorquiu o pai. — Ele nunca foi a pessoa certa para ti.

Giselle olhou para Freddie e o coração dele inchou com amor e desejo de a proteger para sempre de idiotas como Jeff. Então, virando-se de frente para o pai, Giselle deu a mão a Freddie e disse simplesmente: — Pois não. Mas conheço um homem que é.

Tinha sido assim que tudo se havia passado. Da noite para o dia, a vida de Freddie tinha mudado. Depois de, no decurso dos últimos oito meses, ter conseguido esconder tão bem os verdadeiros sentimentos que nutria por Giselle, Freddie encontrava-se agora diante da perspectiva de os anunciar ao mundo e, especialmente, a Jeff. Quando saíam do departamento de urgências às três e meia daquela manhã, cosidos e enfaixados como umas múmias, Giselle disse: — Eu digo hoje ao Jeff, ok? Que está tudo acabado entre nós e que agora estou contigo.

Freddie não gostava de se interrogar se seria um homem ou um rato, mas deu por si a dizer: — Ou talvez fosse melhor esperarmos um bocado.

— Porquê?

— Bem, tu sabes. — Freddie gesticulou desajeitadamente. — Para poupar os sentimentos do Jeff. — Para além do facto de Jeff ter fama de ferver em pouca água.

— A culpa é dele. Agora vai ter de aguentar. — Giselle já se tinha, nitidamente, decidido. — Não vou mentir-lhe, Freddie. Eu não sou assim.

— Certo. — Freddie anuiu com a cabeça e engoliu com esforço. No dia seguinte, Jeff iria descobrir que a noiva lhe tinha dado com os pés e que a sua adorada *Norton* de 1959, modelo 50 350, tinha ido para a sucata.

Também iria descobrir que Giselle o havia trocado por ele.
Freddie não dormiu muito bem nessa noite.

Subitamente acordado do seu devaneio pela aproximação do sinal azul da autoestrada a anunciar que devia virar no cruzamento seguinte, Freddie ligou o pisca-pisca para a esquerda e colocou-se atrás de uma roulotte oscilante. Exeter, depois Exmouth, depois a casa de Jeff na estrada para Sandy Bay. Estaria lá dentro de meia hora.

Freddie tocou no nariz e perguntou-se se Jeff ainda seria capaz de desferir um gancho esquerdo esmagador de ossos.